

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL

Tiago Cardoso da Silva

O POETA DO MUNDO VERDE E O MOVIMENTO RORAIMEIRA:
a trajetória de Eliakin Rufino (1984-2000)

RECIFE

2021

TIAGO CARDOSO DA SILVA

O POETA DO MUNDO VERDE E O MOVIMENTO RORAIMEIRA:

a trajetória de Eliakin Rufino (1984 a 2000)

Relatório final apresentado ao Programa de Pós-graduação em História, da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Helder Remígio de Amorim.

RECIFE

2021

FOLHA DE APROVAÇÃO

TIAGO CARDOSO DA SILVA

O POETA DO MUNDO VERDE E O MOVIMENTO RORAIMEIRA:

a trajetória de Eliakin Rufino (1984 a 2000)

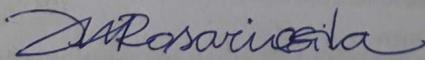
Relatório final apresentado ao Programa de Pós-graduação em História, da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Data de Aprovação - 14/ 07 / 2021

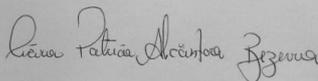
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Helder Remígio de Amorim - UNICAP
Orientador



Profª. Dra. Maria do Rosário da Silva - UNICAP



Profª Dr. Cícera Patrícia Alcantara Bezerra – IPHAN

RECIFE
2021

S586p

Silva, Tiago Cardoso da.

O Poeta do mundo verde e o movimento roraimeira:
a trajetória de Eliakin Rufino (1984 a 2000) / Tiago
Cardoso da Silva, 2021.

55 f.: il.

Orientador: Helder Remígio de Amorim.

Relatório técnico (dissertação) - Universidade Católica
de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em História.
Mestrado Profissional em História, 2021.

1. Multiculturalismo - Roraima. 2. Cultura.
3. Identidade social. 4. Historiografia. 5. Rufino, Eliakin.
I. Título.

CDU 39(81)

Pollyanna Alves - CRB4/1002

AGRADECIMENTOS

Com minhas simples palavras vou tentar agradecer pessoas que foram importantes e fundamentais para que eu pudesse continuar e finalizar esse trabalho. Embora seja difícil expressar a minha gratidão a todas essas pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para realização do mesmo. Sei que posso ser injusto em esquecer alguns nomes, pois é impossível apontar todos os amigos e pessoas que passaram ou estiveram ao meu lado durante minha formação.

Ao longo da minha jornada acadêmica, diversas foram as dificuldades enfrentadas, porém a força e as motivações da família e amigos estiveram presentes nesses desafios, fazendo com que eu pudesse prosseguir e concluir, mais uma etapa da minha vida.

Em primeiro lugar agradeço a Deus por conduzir e iluminar minha vida, por ter me dado força e perseverança. Agradeço à minha família e amigos.

Em especial agradeço à minha esposa Hannah Hadassa, por mostrar que sou capaz, sempre que eu penso o contrário, por estar ao meu lado, nas horas incertas, por acreditar em mim, sempre me incentivando e sendo agente principal da minha caminhada acadêmica, pois, sem seu decisivo amparo ao meu lado, nada disso seria possível hoje. Agradeço por me encorajar a conquistar meus sonhos e principalmente por torná-los reais. Agradeço seu companheirismo ao longo do curso, sua paciência em vários momentos, sua compreensão e atenção que recebi durante minha formação.

Agradeço à minha mãe Maria Socorro e a meu pai Antônio Pereira, “In Memoriam”, que mesmo longe de mim, sempre estavam em meus pensamentos, ou falando ao telefone comigo, tendo orgulho de mim, com palavras carinhosas, me incentivando. Obrigada mãezinha e paizinho por me amarem incondicionalmente.

Agradeço a minha sogra Noêmia, que me deu muito apoio nos momentos mais difíceis dessa jornada, por todo carinho que sempre teve por mim, por contribuir desde o começo.

Agradeço a minha amada vizinha Wilma Pinheiro, por ser compreensiva e entender que aos dias finais de concluir o trabalho monográfico, não pude lhe dar a atenção devida.

Dedico todos os meus esforços a você minha princesinha Lauren e aos meus amados gêmeos Benício e Benjamin. Obrigada por estarem ao meu lado sendo mais um incentivo para minha vida.

Meus mais sinceros agradecimentos ao meu querido orientador Dr. Helder Remígio de Amorim, não tenho palavras para descrever como sou grato por toda dedicação com a condução

e conclusão deste trabalho, pois suas orientações foram fundamentais para a realização e conclusão deste mestrado, agradeço a compreensão, disponibilidade, confiança, por ser paciente nas horas de angústia e dificuldades ao longo do trabalho, obrigado por disponibilizar seu tempo em me orientar.

Aos professores do Departamento de História da UNICAP que contribuíram para minha formação acadêmica. Em especial aos professores por suas intensas contribuições: Dr. Tiago Silva, Dr. Paulo Cadena, Dr^a. Lídia e Dr. Flávio Cabral.

Aos meus amigos do Mestrado de História do ano de 2019, Flávia, Danielle, Isabel e Sérgio, onde tive a oportunidade de conhecer e que certamente jamais esquecerei.

Não poderia deixar de agradecer ao meu querido amigo, Dr. Jimmy Iran, por todo o incentivo e apoio que me concedeu.

Um agradecimento todo especial ao entrevistado Eliakin Rufino, por responder ao questionário, me recebendo sempre que precisei.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para minha formação acadêmica.

“Hoje quem defende a Amazônia
É o mosquito da malária,
Se não fosse esse mosquito
A floresta virava palha,
Salve, salve, salve ele
Viva sua febre incendiária
O maior ecologista da Amazônia
É o mosquito da malária,
Não adianta SUCAM
Jogar DDT na sua área,
Super-defensor da Amazônia
É o mosquito da malária.”
Eliakin Rufino

RESUMO

O presente relatório mostra a trajetória de Eliakin Rufino pelas perspectivas culturais do Movimento Roraimeira, que durante dezesseis anos de existência influenciou a cultura de Roraima, mas especificamente sua capital, Boa Vista. A análise historiográfica aconteceu por meio dos textos jornalísticos digitalizados do arquivo da hemeroteca pessoal do poeta. Foi utilizado o aporte teórico da História Cultural na análise dos jornais e a metodologia da História Oral na consecução de todo o projeto. O produto final é a construção do *website* www.poetadomundoverde.com.br, sobre Eliakin Rufino no Movimento Roraimeira.

Palavras-chave: Cultura. Identidade. Movimento Roraimeira. Eliakin Rufino.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA.....	12
3 RORAIMA NO CONTEXTO CULTURAL.....	17
4 MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS DE ELIAKIN RUFINO	22
5 ELIAKIN RUFINO E O MOVIMENTO RORAIMEIRA: POESIA MUSICADA	33
6 DISCUSSÃO SOBRE O FORMATO.....	39
7 APRESENTAÇÃO DO PRODUTO	40
8 APLICAÇÃO DO PRODUTO	42
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
10 LISTAGEM DOS ACERVOS E FONTES	45
REFERÊNCIAS	46

1 INTRODUÇÃO

A revolução advinda após a imprensa de Gutemberg receba notadamente destaque e tenha marcado para sempre o cotidiano das pessoas. Afinal, ela possibilitou a rápida propagação das informações contidas nos mais variados documentos, e disseminou o conhecimento de maneira abrangente. Todavia, as oralidades têm sua proeminência para o mundo. As linguagens oral, verbal e visual são processos de representação, e as histórias escritas estabelecem correlações com a diversidade do itinerário pessoal. Diante disso, apresenta-se aqui o caminho percorrido pelo autor até seu encontro com o trabalho do poeta Eliakin Rufino no Movimento Roraimeira.

Natural de Manaus - Amazonas, último filho de um total de quinze, desde cedo aprendi a conviver com a diversidade e divergências que o meio social impõe ao nascer. O apreço por atividades artísticas e a imensa facilidade para o aprendizado musical surgiram desde criança. Também fui influenciado pelas atividades vividas na escola, igreja e brincadeiras de infância com os familiares, que possibilitaram a exploração e desenvolvimento dos meus talentos, e mantiveram o interesse pela arte constante e crescente.

Na adolescência, por volta dos quinze anos de idade, percebi que a arte além de uma atividade prazerosa, poderia prover meu sustento, e assim, após testar um instrumento musical, fui convidado para trabalhar numa rede de lojas comerciais da cidade de Manaus, apresentando diversos repertórios musicais aos clientes, sendo destaque no jornal impresso da cidade na época. O contrato foi sendo renovado a cada final de ano, e assim permaneci por 10 anos, sendo este meu primeiro emprego.

Nesse ínterim, decidi ajudar a família através da música e ministrei aulas de violão, piano e teclado como autônomo. Posteriormente, fui contratado pelo Serviço Social do Comércio (SESC-AM) onde lecionei para diversas camadas sociais da cidade e participei de atividades artísticas variadas. Essa época foi decisiva porque abdiquei de outras profissões para investir na área que mais me apreciava, ser professor de música.

Ingressar na Universidade Federal do Amazonas, no curso de Educação Artística - Música foi uma conquista importante, embora, de muito custo, pois as aulas eram ministradas pela manhã, o que me impedia de trabalhar nesse horário. Contudo, auxiliado pela família, consegui equilibrar os estudos e a profissão. Na metade do curso de graduação fui convidado para trabalhar como instrumentista no Centro Cultural Cláudio Santoro, um projeto pioneiro na cidade que objetivava levar a arte para distintas camadas sociais, principalmente àquelas em situação de risco.

Foi assim que fui apresentado ao coral infantil da instituição no qual iniciei como pianista. Conquistei a simpatia e confiança dos alunos, bem como, de seus familiares e, após alguns meses, tornei-me regente do coral.

As experiências no coral foram construídas a partir da observação do crescimento dos alunos, muitos chegavam tímidos e saíam como solistas nas apresentações ocorridas posteriormente. Isto era estimulante e ratificava cada vez mais minha escolha, apesar de todas as adversidades. A cada apresentação, a qualidade do trabalho repercutia nos noticiários e o apreço da população aumentava.

Passados alguns anos surgiu o convite para nos apresentarmos no Festival de Ópera do Estado do Amazonas. Esse se constituiu em um grande desafio, pois era o momento de aliar conhecimento acadêmico, prática e vivências. Para tal feito era necessário que eu e os alunos soubéssemos outros idiomas, além deles terem que desenvolver seu potencial vocal erudito. Desta forma, o coral crescia e, em todos os festivais apresentados, era destaque na cidade. Apoiado pela direção da instituição, realizei cursos para aperfeiçoamento em diversas partes do Brasil e do exterior, que me fizeram crescer enquanto profissional e pessoa.

Em 2009 fui aprovado para professor de música no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima (UFRR) onde, por meio de alguns eventos culturais, conheci o poeta e compositor Eliakin Rufino, um homem negro, pai de quatro filhos, uma figura exótica de roupas coloridas e uma estética regional. Sua indumentária tem pinturas e grafismos indígenas estampados, uma de suas tatuagens já demonstra seu amor pela arte, pois tem no braço escrito “poesia”. É um poeta, cantor, escritor, professor de filosofia e jornalista brasileiro. Atualmente Eliakin Rufino, além da carreira artística é produtor cultural.

Nas minhas atividades desenvolvidas no Colégio de Aplicação realizei alguns eventos com o tema Roraimeira, inclusive com a participação de Eliakin. Assim fui mantendo contato mais de perto com suas composições, que tratam principalmente de assuntos como questão ambiental, povos indígenas, direitos humanos, questões raciais, críticas sociais e canções de amor. Depois de alguns anos conhecendo o trabalho do poeta Eliakin e o Movimento Cultural Roraimeira, no qual ele foi o idealizador, decidi realizar a pesquisa sobre sua trajetória de vida.

Diante disso, foi realizada uma análise historiográfica dos textos jornalísticos que se encontram digitalizados na hemeroteca pessoal do poeta, que em sua maioria possui artigos relacionados à questão ambiental e indígena. Em virtude da sua consciência de preservação e salvaguarda dos documentos foi possível a realização desta pesquisa, a qual foi autorizada via assinatura de um termo de liberação.

O recorte temporal realizado abrange o período de 1984 a 2000, devido ao Movimento Roraimense ter iniciado a partir de 1984, que se deu com um show musical com a participação do trio Roraimense, idealizado por Eliakin. Foram dezesseis anos de música e poesia, abordando vários temas, como a preservação da Amazônia e as questões ambientais. Que tinham participação direta do poeta, como por exemplo, a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (ECO92), na qual ele se declarava defensor da Amazônia e das belezas naturais de Roraima, advindo daí o tema aqui escolhido: “O poeta do mundo verde”.

No começo da década de 1980, surgiu em Roraima um movimento cultural chamado Roraimense. O movimento visou a construção identitária da representação cultural roraimense, por meio da realização de uma arte relacionada à vida e às paisagens de Roraima. (OLIVEIRA; WANKLER; SOUZA, 2009).

Partindo dessas premissas do Movimento Roraimense, a partir de 1984 e da trajetória de Eliakin Rufino como idealizador do movimento, foram tecidas as discussões aqui propostas: em primeiro lugar a análise da História Cultural do Movimento, com a trajetória de Eliakin Rufino. Em um segundo momento, buscou-se relacionar as representações identitárias de Eliakin Rufino no Movimento Roraimense, partindo das entrevistas que se encontravam nos jornais e na que foi gravada para esse trabalho, também nos vídeos produzidos pelo movimento em canais digitais na web, bem como, o material documental que contempla dissertações e artigos científicos pertinentes ao movimento. Esse contexto possibilitou a consecução do *website*, produto final desse estudo.

O material documental acima mencionado conduziu a investigação para o questionamento das representações identitárias colocadas pelo próprio Eliakin Rufino. Seriam elas autorrepresentações ou idealizações do autor? O que contrasta com o material documental analisado. O próprio poeta se autoidentifica como um ao dizer: “Não, creio que eu sou fundamentalmente um poeta. Um poeta/letrista [...]. Música mesmo é com meus parceiros, agora poesia, eu tiro de letra.” (OVERMUNDO, 2006). São essas representações que fazem de Eliakin Rufino um poeta de múltiplas faces, e conduzem ao questionamento da pesquisa: Como são construídas as identidades de poeta e músico no Movimento Roraimense? São autorrepresentações e identidades representadas nos jornais e entrevistas no desenvolvimento de sua trajetória como poeta e músico?

A pesquisa se preocupou com a imparcialidade, porém, tornou-se praticamente impossível ao se escrever uma trajetória, pois, o historiador já demonstra certa simpatia pelo sujeito da pesquisa. Não no sentido de se dispor a escrever um manifesto ou desagravo a este,

mas com o intuito de contar uma história de vida – e não se faz isso sem que haja uma proximidade com o tema em questão.

A decisão de examinar a trajetória de Eliakin Rufino, desde o início, não pretendeu ser um fim em si mesma, mas contribuir para o avanço das discussões próprias ao conhecimento histórico. Trajetórias requerem estudos aprofundados porque não se ocupam em recompor o itinerário de modo tradicional (linear, cronológico, destacando suas ações sob aspectos unicamente positivos e tentando imprimir excesso de coerência a uma trajetória de vida), contudo, buscam compreender também os diversos temas subjacentes, conceitos e temporalidades, acompanhando o percurso do protagonista por diversos contextos e lugares sociais.

Eliakin Rufino é curiosamente um personagem analisado pela historiografia entre vários trabalhos, não existindo praticamente nenhuma obra sobre ele que tenha realizado uma abordagem quanto a sua trajetória de vida, desta forma, a discussão aqui realizada buscou evidenciar sua identidade.

A pesquisa busca analisar a identidade multifacetada do poeta e músico Eliakin Rufino, partindo do engajamento no Movimento Roraimeira, lugar de sua trajetória de vida. Desta maneira, discute-se as autorrepresentações como poeta e músico, apresentando seu lugar da identidade e por fim, a problematização de sua identidade e as representações constantes nas entrevistas e jornais analisados.

Desta maneira, este trabalho pretende contribuir no sentido de possibilitar um arcabouço de informações para o meio acadêmico e para a comunidade boa-vistense, sobre a trajetória de Eliakin Rufino, compreendendo sua formação intelectual e as suas atividades artísticas, na medida em que fomenta uma discussão sobre a construção da identidade do poeta Eliakin e o Movimento Roraimeira e permite pensar novas temáticas, que muitas vezes, passam despercebidas ao olhar do pesquisador.

2 DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

A história do século XX tem se mostrado atenta ao discurso sobre a reinterpretação do passado e do presente, expandindo assim, o debate sobre a memória coletiva e cultural. Destaca-se, contudo, que a memória vai além do registro cerebral, ela se compõe da lembrança, que está atrelada a percepção, aos aspectos afetivos, sentimentais e valorativos.

É na historiografia cultural que a história ganha outras abordagens, aproximando-a de outras ciências. Isso se deu a partir da segunda metade do século XX com a Escola dos *Annales* (1929), principalmente com a terceira geração. Desta forma surge a concepção da Nova História Cultural que tem diversos elementos entrelaçando os conceitos de cultura, que se alargaram e abraçaram outros campos. Nesse sentido, destaca-se o conceito de Burke (2008, p.43) quando diz que

O termo cultura costumava se referir às artes e às ciências, depois, foi empregado para descrever seus equivalentes populares – músicas folclóricas, medicina popular e assim por diante. Na última geração, a palavra passou a se referir a uma ampla gama de artefatos (imagens, ferramentas, casas e assim por diante) e práticas (conversar, ler, jogar).

Os acréscimos ao termo cultura possibilitaram sua ampla inserção nas vivências sociais e históricas. Por isso, essa pesquisa utiliza, como conceitos norteadores, os que têm seus aportes nas teorias da História Cultural; História Oral; Identidade e Alteridade; Representação e Autorrepresentação; Lugar e Trajetória de Vida, e a metodologia das análises de jornais.

A História Cultural está imbricada na memória coletiva, por isso, acompanha o indivíduo onde quer que ele vá, fazendo parte das suas raízes. Segundo Chartier (2002, p.17) “[...] a História Cultural tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.” Além disso, as realidades socioculturais existentes são construídas pelo agente que se move culturalmente, sendo identificáveis pela leitura histórica.

No tocante à História Oral, o historiador consegue visualizar diversos pontos de vista de um determinado fato histórico. Neste aspecto, cabe ressaltar que sua utilização depende da compreensão de que há especificidades no diálogo entre pesquisador e entrevistado. Lidar com a História Oral requer o entendimento de que a pesquisa somente é possível mediante a vontade do pesquisador, o qual delimita seu tema e seus personagens, expondo muito de si em seu trabalho. Além disso, deve-se atentar para o fato que nenhum personagem irá narrar sua história sem calcular o que esta narrativa poderá trazer de consequências para si, sejam elas negativas ou positivas. Assim, buscar um depoimento implica em saber que se está adentrando em

questões de natureza privada, as quais são ainda mais delicadas quando os personagens em questão estão vivos e dispostos a avaliar o que sua declaração pode causar em sociedade.

A História Oral tem sido defendida muitas vezes como metodologia primorosa, voltada à produção de narrativas como fontes do conhecimento, mas principalmente do saber. Dessa forma, “[...] a razão narrativa desemboca no saber contar um fato real ou imaginário, despertando no ouvinte o desejo de significar experiências vividas, que não retornam mais.” (GROSSI; FERREIRA, 2001, p.30).

Por ser uma experiência, a História Oral compartilha o registro das lembranças, transforma a narrativa em processo compartilhado que inclui em si as seguintes dimensões: estímulo ao narrar, ato de contar e relembrar, e disponibilidade para escutar. Acredita-se que essa é a composição da dinâmica de um processo único e essencial à vida humana, pois, não se vive em plenitude sem a possibilidade de escutar, de contar histórias e de apreender sob a forma de conhecimento, ou melhor, de sabedoria, o conteúdo narrado.

Nesse sentido, as narrativas produzidas pela História Oral, incluem-se entre as narrativas históricas, que se distinguem das narrativas épicas, que são lendárias, atemporais. Ou seja, as narrativas históricas referem-se há “um tempo pesquisável e pesquisado, com referências cronológicas passíveis de serem encontradas, que trata do tempo mais recente do homem.” (GAGNEBIN, 1997, p.19). Narrativa, sujeitos, memórias, histórias e identidades, a humanidade em movimento, como olhares que permeiam tempos heterogêneos, a História Oral em construção, são memórias que falam.

No âmbito social, os conceitos de Identidade e de Alteridade em tempos de globalização têm sofrido adaptações. Hall (2005, p.13) ao explorar questões sobre a identidade cultural na modernidade tardia, afirma que esta se tornou uma “celebração móvel [...], formada e transformada continuamente.” Posto isto, temos tanto o conceito de identidade quanto de alteridade, pois para Hall (2005) as formações da identidade possibilitam a representação das posições adotadas perante a alteridade, quando este afirma que “a identidade surge não tanto da plenitude da identidade, [...], mas de uma falta de inteireza que é preenchida a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros.” (HALL, 2005, p.39).

A alteridade, mais do que um conceito, é uma prática. É assim que ela está condicionada à identidade, em que tange a auto identificação com o grupo ao qual pertence. Desta forma, identidade e alteridade estão inter-relacionadas na sua construção social. E a identidade pode ser entendida como representatividade.

Representação e Autorrepresentação são escolhas de ser o que se é, e o que se escolhe ser. Implica para o historiador pensar o contato e o acesso a outras sociedades, no caso de grupos, movimentos e identidades culturais pelas alteridades sociais. Aquilo que Hall (2005, p.13) chama de “os sistemas de significação e representação cultural”, que permite aos movimentos serem contrastados por múltiplas identidades, com as quais cada indivíduo poderia, mesmo que provisoriamente, identificar-se por meio de certos significados simbólicos, como no caso do Movimento Roraimense na busca pela individualidade roraimense. (MONTEIRO, 1997).

O conceito de lugar será abordado pela discussão proposta por Bartoly (2011, p.86), no qual afirma que “as realidades dos lugares são cada vez mais complexas e, nesse sentido, são percebidas e vividas de diferentes formas, por diferentes indivíduos”. Tem-se ainda a concepção de Moreira e Hespanhol (2007, p.58), para os quais o “conceito de lugar passa a ser considerado no período contemporâneo, como uma construção socioespacial marcada pela relação contraditória e combinada da cooperação e do conflito”. Segundo Massey (2008, p.190) o lugar é entendido não como vítima da globalização, mas aparece como uma eventualidade, ou seja, “são articulações dentro das mais amplas geometrias do poder do espaço”, suas características resultam das relações, conexões e desconexões. “Viajar entre lugares é mover-se entre coleções de trajetórias e reinserir-se naquelas com as quais nos relacionamos.” (MASSEY, 2008, p.153).

Pesavento (2006), abordando uma discussão sobre trabalhos com trajetórias, apresenta a memória individual como entrecruzada com a memória coletiva, pois, o individual é analisado a partir dos outros. Nesse sentido, temos tanto na identidade, quanto na alteridade individual e coletiva, as questões que envolvem as análises das trajetórias individuais e de grupos sociais. Entretanto, embora possamos recorrer à análise de trajetórias de vidas, muitos perigos ocorrem ao Historiador, desta forma Bourdieu (2006) alerta sobre a atomização do agente, sem levar em conta seu contexto sociocultural e o seu lugar.

[...] é impossível compreender uma trajetória (isto é, o envelhecimento social que, embora o acompanhe de forma inevitável, é independente do envelhecimento biológico) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, no conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado – pelo menos em certo número de estados pertinentes – ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis. Essa construção prévia também é a condição de qualquer avaliação rigorosa do que podemos chamar de superfície social, como descrição rigorosa da personalidade designada pelo nome próprio, isto é, o conjunto das posições simultaneamente ocupadas num dado momento por uma individualidade biológica socialmente instituída e que age como suporte de um conjunto de

atributos e atribuições que lhe permite intervir como agente eficiente em diferentes campos (BOURDIEU, 2006, p.190).

Com isso, as trajetórias individuais não podem ser analisadas isoladamente da memória coletiva em que o indivíduo se insere. Pois, ao ser ligada a outros agentes históricos e agências, sempre recorrerão às fontes que possibilitem discordar, contestar, apoiar e ratificar a memória do indivíduo na coletividade cultural, na qual estão incluídos como participantes da construção identitária do lugar.

Outra problemática que se apresenta ao trabalhar com trajetórias individuais, é que estas acabam por nos aproximar do conceito de biografias, na qual existe certo preconceito por parte dos historiadores quanto ao seu uso na história, pois ao trabalhar trajetórias, levariam os pesquisadores apenas a ordenar eventos da vida privada do pesquisado, não apresentando a discussão problematizada no sentido global, sendo apenas narrativas de fatos e acontecimentos de vidas. Sobre isso, Dosse (2009, p.344) faz alerta à escrita biográfica ao afirmar que esta “[...] oferece um acesso privilegiado para nos aproximarmos ao máximo da interioridade/exterioridade, do singular/geral, sendo, portanto, o que mais lembra o ideal impossível de globalidade”. E ainda, contrapondo-se a Bourdieu na concepção da biografia ser uma ilusão, Dosse (2009, p.209) coloca que “a biografia, para Bordieu, não apresenta pertinência alguma”, pois não estava preocupada com a verdade, criando até certo ponto ficções, mas “[...] sabe que o enigma biográfico sobrevive à escrita biográfica, [...] sempre possíveis das efrações individuais e de seus traços no tempo” (DOSSE, 2009, p.410), na perspectiva de dar conta da realidade a partir do individual.

Temos ainda, o conceito de Trajetória de Vida encontrado em Pesavento (2012), aborda aquilo que a autora chama de “sensibilidades” propostas pela História Cultural, o que fica evidente quando são apresentadas as condições de visualização das representações de Eliakin Rufino, no sentido de analisar as identidades construídas no Movimento Roraimense.

Para Pesavento (2012, p.56), a História Cultural:

[...] trouxe para os domínios de Clio a questão do indivíduo, da subjetividade e das histórias de vida. Não mais, contudo, uma história biográfica, dos grandes vultos da História, mas muito mais biografias de gente simples, da gente sem importância, dos subalternos. Uma história de indivíduos que deriva, assim, de uma história social renovada: do estudo dos pobres, dos subalternos enquanto classe ou grupo, detentores de uma expressão cultural dita popular, passou-se a uma história de vida das pessoas humildes, na qual possam ser surpreendidos os sentimentos, as sensações, as emoções, os valores. Esta última condição é extremamente importante para a História Cultural, pois marca a emergência da subjetividade nas preocupações do historiador.

Na pesquisa com jornais impressos e digitais tem-se as seguintes considerações para essa etapa, de acordo com Luca (2008, p.140):

O pesquisador dos jornais e revistas trabalha com o que se tornou notícia, o que por si só já abarca um espectro de questões, pois será preciso dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa. Entretanto, ter sido publicado implica atentar para o destaque conferido ao acontecimento, assim como para o local em que se deu a publicação: é muito diverso o peso do que figura na capa de uma revista semanal ou na principal manchete de um grande matutino e o que fica relegado às páginas internas. [...] de fato, jornais e revistas não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita.

Diante dos critérios minuciosos propostos pela autora, que devem ser observados ao trabalhar-se com jornais, buscou-se nesse projeto atentar para esses cuidados na elaboração e discussões durante o trato com as fontes jornalísticas. Nesse sentido é que a pesquisa analisa a trajetória de Eliakin Rufino na construção da identidade pela alteridade na cidade de Boa Vista, por meio do Movimento Cultural Roraimeira, procurando abordar tanto as perspectivas da História Cultural, aportados pela metodologia da análise de jornais e a metodologia de História Oral.

3 RORAIMA NO CONTEXTO CULTURAL

Para analisarmos o contexto cultural de formação do Movimento Roraimense com a trajetória de Eliakin Rufino, o idealizador do movimento, recorreremos à História Cultural na realização desta empreitada. Para o exame do contexto cultural de formação do Movimento entrecruzado com a trajetória de Eliakin Rufino, seu idealizador, recorre-se à História Cultural.

As possibilidades e os limites na produção histórica de trajetórias são demonstrados por Pesavento (2006, p.52) quando diz que:

[...] pensar em memória e em história induz a referir-se ao sujeito que evoca e ao sujeito que escreve, agente deste ato de presentificar uma ausência. Falemos, pois, de indivíduos, de subjetividades, de trajetórias pessoais, de histórias de vida. Esse é, para todos os efeitos, um viés muito importante, resgatado pelos estudos da cultura. A memória tem seu *locus* original de realização no indivíduo que rememora, mas todo trabalho de evocação dá-se em acerto com uma memória social. Nesta medida, as reminiscências do eu são trabalhadas com o auxílio das dos outros, tal como a escrita da História, como escrita no tempo, dá-se em palimpsesto com outras escritas precedentes. Mas a cultura avançou mais, nestes caminhos da historiografia: ela fez, dos sujeitos-objetos de seus estudos, os indivíduos, um de seus vieses preferenciais nos últimos anos. Gente anônima ou gente famosa, mas iluminada no seu resgate de vida por outros problemas, passaram a ocupar papel de destaque, dando a medida da utilização da micro-história, da biografia e dos percursos de vida como um caminho promissor.

Eliakin apresenta desde o início em sua música a valorização de Culturas Indígenas e do Paisagismo da região em Roraima, mas, entre as décadas de 1980 e 1990, ocorrem outras reivindicações por parte dos “pioneiros” de Roraima. Estes buscavam manter a memória pecuarista ligada ao herói pioneiro Lobo D'Almada, o que se constata ao observar o interesse do grupo no segundo governo de Hélio da Costa Campos 1970-1974, o que fica evidente quando foi erguida à escultura em homenagem aos garimpeiros na praça central de Boa Vista, local onde se situa o palácio do Governo. Devido a isso, ocorreram questionamentos por parte do memorialista Durval de Magalhães (1986), aos quais podemos encontrar em seu livro

Tivemos oportunidade de dirigir-nos ao Governador [...], dizendo-lhe da nossa insatisfação, pois achamos que a homenagem, para atingir os diferentes valores, deveria ser tríplice: Ao Índio, que, indubitavelmente, foi o primeiro habitante da região, havendo recebido pacificamente o colono branco; ao ruralista ou vaqueiro, que plasmou a primeira economia regional, ainda hoje importante; e, por fim, ao garimpeiro, eterno nômade e sonhador (MAGALHÃES, 1986, p.123).

As características dos grupos sociais que ocuparam a região segundo Magalhães (1986) são: os Indígenas, apresentados como “pacíficos”¹, pois receberam bem o colonizador; o Colono Branco, pioneiro na ocupação da região; os ruralistas e vaqueiros que contribuíram para ocupação e presença de Portugal na antiga Colônia; e, os garimpeiros, que recebem a identificação de “nômade e sonhador”, no sentido de homens de fluxos contínuos, sem fixação no local.

O memorialista Magalhães (1986, p.123) afirma que: o “ruralista ou vaqueiro, [...] plasmou a primeira economia regional”. Ao utilizar do verbo “plasmar” dar o sentido de que, os “ruralistas e/ou vaqueiros” são os escultores da economia regional naquilo que Santos (2010, p.1) resolveu chamar de: “esforço no sentido de pensar a pecuária enquanto traço de uma memória marcante na identidade do povo roraimense, relacionada mais especificamente a um grupo da elite social local” [...] e, ainda, acrescenta: “que conforme penso, [...] o objetivo de manter seu status quo, visto que, tal memória nos remete aos considerados pioneiros, ou seja, aos indivíduos que se consideram membros ou descendentes das famílias tradicionais.” (SANTOS, 2010, p.1). Desta forma, ao questionarem o governador do antigo Território traz seus interesses de “elite local”, à reivindicação da identidade ligada ao “pé do boi”, conforme menciona outro memorialista, Aimberê Freitas em 1986, ao afirmar ser o Boi, a: “mola propulsora de Roraima na ocupação do solo roraimense.” (FREITAS, 1986, p.55).

A atitude de colocar o indígena como “pacificador” frente aos interesses do colono branco e, o garimpeiro como: “eterno nômade” (sem fixar-se ao local), não condiz com o Território Federal de Roraima ter erguido no centro de sua cidade um monumento que exaltasse a figura dos garimpeiros, pois de acordo com Silva (2003, p.19)

a pecuária extensiva era o principal meio de vida. Nesta sociedade observa-se algumas características comumente conhecidas no Ceará, como, por exemplo, a criação baseada no sistema de Quarta². [...] Trata-se de uma sociedade com participação importante de migrantes que, com exceção dos oriundos da Região Norte, eram, majoritariamente, nordestinos: Desde os primeiros momentos da colonização de Roraima, cearenses, maranhenses, e paraibanos se destacaram como um dos principais grupos constituintes desta sociedade.

¹ Em 1736, entra no Rio Branco a primeira tropa de resgate oficial comandada por Cristovão Ayres Botelho, Sobrinho de Belchior Mendes de Moraes. Pouco sabemos de sua operação na região, mas apenas que teria "*subido muito acima das cachoeiras do Rio Branco em resgate dos Índios*". Temos também, registro de que data desse mesmo ano a chegada, pela primeira vez a Belém, dos "*produtos naturais*" do rio Branco. Certamente, seriam eles, cacau, salsaparrilha, cravo e outros gêneros de extração e, principalmente, *escravos índios*, frutos dessa tropa (MENCK, 2009, p.319).

² A sorte ou quarta, consistia em um contrato oral pelo qual o dono de um rebanho entrega um lote de seu gado para um vaqueiro que, como pagamento, tem direito a uma de quatro crias nascidas durante o período combinado (SILVA, 2003, p.19).

É a participação dos nordestinos na formação das diversas regiões do Brasil, que fez com eles exercessem forte influência na região do atual estado de Roraima, ocupando-se no Território do vale do Rio Branco na criação da pecuária extensiva. É importante ressaltar ainda que, no início do século XX, no comércio local na principal avenida, Jaime Brasil, coexistiam famílias de fazendeiros, funcionários públicos e garimpeiros. (SILVA, 2003). Os quais concentravam boa parte do movimento comercial no centro da cidade de Boa Vista, sendo eles comerciantes de várias origens, como: “alguns portugueses, sírio-libaneses e brasileiros”, que deram impulso à economia local. (ASSIS et al., 1987, p.48).

Em 1974 tem-se notícia, conforme Almada (2015), de um concurso promovido pela Prefeitura Municipal de Boa Vista, com a temática da Música de Exaltação ao Território de Roraima, considerado o predecessor dos festivais. “O evento tinha o objetivo de contribuir para o despertar da consciência de pertencimento local [...], valorizar a cultura local, para que esse pedaço mal conhecido do Brasil pudesse ser reconhecido e diferenciado das outras regiões, sobretudo do Amazonas”. (ALMADA, 2015, p.6). Por isso, o período que iniciou em 1974 e se estendeu para a década de 1980, será nomeado aqui como o “germe” do Movimento Roraimeira. (LARAIA, 2001).

O período de 1970 a 1980, de acordo com Santos (2017, p.149-150), elenca vários acontecimentos que marcaram o período

Pensando o passado da cidade de Boa Vista e observando as memórias produzidas sobre este espaço, percebe-se que as décadas de 1970/80 foram significativas, tanto para o processo histórico de Roraima como para sua historiografia. Por um lado, no que diz respeito ao primeiro ponto, viviam-se os desfechos da abertura da BR-174, que hoje liga por terra Boa Vista a Manaus. A aproximação célere da ligação a Manaus, pela rodovia, [...] provocará incontrolável invasão de terras, desde que o governo não tenha previamente se preparado para o grande evento da comunicação pela estrada”. Por outro lado, viviam-se inquietações levadas a efeito pelas manifestações políticas em favor da mudança de Território Federal de Roraima para Estado de Roraima, consolidado com a Constituição de 1988; a descoberta de grandes garimpos de ouro, o que acarretou um intenso processo migratório para a região e, em parte se opondo a este, as manifestações ecológicas e o movimento indígena que se consolidava no Estado.

Vê-se, portanto, modificações profundas que ocorriam em vários setores da cidade de Boa Vista, antigo Território Federal de Roraima. Ainda, sobre a reflexão da década de 1970, tem-se a edificação da Catedral Cristo Redentor, que passará a ser o marco arquitetônico da modernidade local, a partir do uso da plasticidade do concreto armado em Boa Vista sob o traço do engenheiro italiano Mario Fiameni. Nascimento *et al* (2019) apresenta também a Construção

do Parque Anauá³, “visando à adequabilidade do que será implantado como o espírito cultural, cívico e recreativo do habitante de Boa Vista” (NASCIMENTO, 2018). Corroborando sobre a década de 1980, Santos (2005), vem afirmar que

[...] ao longo da década de 1980, uma leva de garimpeiros vinha invadindo os campos de Roraima em busca de ouro. Trata-se também de um período de organização dos povos indígenas não só em Roraima, mas a nível continental, com o objetivo de defender o direito de ocuparem seus territórios sem serem incomodados por outros grupos. Anos, portanto, de resistência destes povos na tentativa de rever benefícios que estavam perdendo, momento que as autoridades locais e nacionais batem cabeça e são obrigadas a dar respostas não só a sociedade brasileira, mas ao mundo. Estava em pauta a demarcação das terras indígenas, a indenização e retirada de fazendeiros das áreas reivindicadas, a explosão de pistas de pouso e retirada de garimpeiros dos territórios indígenas. (SANTOS, 2005, p.3).

Para além das questões que envolviam os indígenas, que continuavam sendo usurpados ao direito de usufruto das suas terras originárias por fazendeiros, tem-se como pano de fundo, vinculados aos planos locais, os Planos de Desenvolvimento para a Amazônia (PDA), especialmente os I PDA (1972-1975) e II PDA (1975-1979) que focavam a região como fronteira agrícola e agro mineral, respectivamente. (ROCHA; NASCIMENTO; MELO, 2019).

No ano de 1980 houve as questões que envolveram os aspectos culturais na Cidade de Boa Vista, nessa questão Levino (2019) afirma que,

No início da década de 1980, o Departamento de Assuntos Culturais foi estruturado como unidade da SECD e passou a concentrar as ações, projetos e atividades culturais planejadas e organizadas no campo das artes. O Departamento possuía três divisões: Etnografia e folclore; Artes; e Patrimônio Histórico. (LEVINO, 2019, p.88).

No mesmo período, Fioretti (2009, p.102), apresenta os principais órgãos criados:

Na década de 1980 é criada a unidade de gestão para as ações de cultura em Roraima com o Departamento de Assuntos Culturais, com o propósito de organizar o setor cultural. Neste período é também instalada a Biblioteca Pública, a Escola de Música, o Museu Integrado de Roraima e, reformado o Teatro Carlos Gomes na década de 1960, uma sala de cinema e estação de rádio AM local. Neste período é criado ainda, o Parque Anauá como um lugar com a finalidade de uso da cultura, esporte e lazer. Todos esses equipamentos estão instalados na cidade de Boa Vista. Ainda nesta época foram criados [...] novos municípios e em nenhum deles foi instalado qualquer equipamento cultural.

³ “Considerado como o maior parque urbano da região norte do Brasil, o Parque Anauá situa-se na área pericentral de Boa Vista, com superfície de 106 hectares. Anteriormente conhecida como Fazenda dos Americanos, a área atraía a população boa-vistense para o lazer, principalmente devido à existência de lagos perenes. Este espaço não foi previsto no plano original da cidade, traçado por Darcy Aleixo Derenusson, na década de 1940.” (NASCIMENTO *et al*, 2019).

As contradições na identidade do lugar estavam em nuances dos tempos do antigo território de Roraima; nos interesses da elite local pela busca de afirmação da identidade ligada ao “pé do boi”; dos migrantes das mais variadas regiões do Brasil e inclusive de imigrantes de diferentes nações. Dos Nordestinos: maranhenses, cearenses, paraibanos. Do migrante Gaúcho; das questões da luta pela terra dos Povos Originários de Roraima, os chamados Indígenas; do garimpo; do militarismo; da Igreja Católica e também dos protestantes; das diversas escolas; são os ingredientes que transformam e formam, aquilo que a partir de 1980 passa a ser chamada de Roraima, caldeirão de culturas; de sabores; de matizes e valores, na construção da identidade do Povo roraimense.

4 MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS DE ELIAKIN RUFINO

Eliakin Rufino inserido no contexto sociocultural de Roraima está relacionado com aquilo que Pesavento (2012, p.15) chama de “Cultura”, identificando-a como: “forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentimentos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada, portanto, há um significado e uma apreciação valorativa”, um personagem construído.

Assim, na entrevista, Eliakin afirma:

Nasci em Boa Vista, quando ainda era capital do Território Federal do Rio Branco, então sou rio-branquense (risos), e depois só em 62 quando eu já estava com 6 anos né, é que o território mudou de nome, um projeto de lei de um deputado federal que nós tínhamos lá, o Valério Magalhães, ele é que apresenta o projeto de mudança de nome pra não confundir com o Rio Branco – Acre, e tal. E aí muda de Rio Branco pra Roraima, mas eu ainda sou do tempo do Território Federal do Rio Branco. Meus pais são amazonenses que vão pra lá, e... papai vai em 42, a mamãe vai em 45, e eles se casam em 47, e eu nasci em 56. E esse casal de amazonenses, eles tinham nas suas adolescências, eles tinham uma vida, é, eles não eram de Manaus, eles eram do interior do Amazonas, papai era do Manaquiri que é um grande lago amazônico, lá no Manaquiri ele era da beira desse lago, e a mamãe era do Alto Solimões uma cidade chamada Jutaí, fica perto de Fonte Boa, na época dela ainda era município de Fonte Boa. Depois que virou Jutaí, então esse casal vai pra Roraima, com essa bagagem aí, né, de interior do Amazonas, de comedores de peixe, de canoa, de pesca, de...então eles, lá em Roraima eles compram uma casa também na beira do rio, porque eles precisavam disso, de canoa, dessa vida que eles tinham...e a minha infância é essa aí, a minha infância é andando de canoa, pescando, dormindo na praia, eu tenho uma infância, era uma infância muito é, um contato muito íntimo com a natureza. Por isso que mais tarde eu vou me tornar um poeta da natureza...o “grosso” da minha obra gira em torno da questão da natureza. (RUFINO, 2019).

Quando o entrevistado aborda a passagem do Território Federal do Rio Branco para Território Federal de Roraima⁴, suscita algo interessante, que é o pensar na construção da

⁴ O Jornal O Átomo, realizou o referido plebiscito e foi escolhido o nome Roraima. De acordo com Dorval de Magalhães em seu livro *Informações Históricas de Roraima* (1986) afirma que nas discussões junto à comunidade e associações era apresentada uma pauta com as seguintes perguntas: a) deve-se mudar o nome Rio Branco? Por quê? b) A origem do nome Rio Branco? Que nomes deveríamos discutir? Paraviana, Parima, Roraima, Lia-la? c) Quem terá prioridade, nós ou os acreanos? d) A Assembleia reconhece a necessidade de mudança? e) Palavra facultada e) Votação f) Agradecimento e encerramento. Além dessa pesquisa o Deputado Valério Magalhães solicitou um estudo etimológico, considerando-se o fato da inexistência de informações oficiais. Assim, foi coletado elementos na própria fonte, vale dizer, entre os nativos da região. Entre eles destaca-se o "parente Alberto". 1ª Versão: Trata-se de um substantivo composto por outros dois: *loroi*=caju e *imã*=serra, montanha, isto é, Roraima=Serra do Caju. [...] 2ª Versão: Há quem afirme que Roraima se origina de *rorá*=verde+*imã*=grande, ou seja, verde Monte, Verdão. 3ª Versão: O eminente professor de português, Raimundo Nonato Pinheiro, diz "... outro topônimo que anda por aí errado, até mesmo oficialmente, é o nome do Território de Roraima. O Vocábulo não deriva de "rorá" (verde, mas de *rorô* (papagaio). O vocábulo *rorôima* é de origem Taurepã, e significa: o pai, o formador dos papagaios. "Mudar, nesta altura, Roraima para Rorôima, como deve ser o verdadeiro nome desse Território, acho bem difícil. Dizem os franceses: *Quand tout lê monde a tort, tout lê monde a raison* ... (Quando todos erram, todos acertam...). Também no mesmo período, foi cogitado

identidade no lugar. Sua reflexão, em um tom sarcástico, que ao sorrir afirma que não é roraimense, e sim, rio-branquense, pois nasceu antes da mudança de nome do Território, corroborando com a discussão sobre o desejo de criar aspectos culturais que ensejasse nos moradores o sentimento de pertencimento à região.

Um fator importante, destacado da entrevista, é a chegada da família de Eliakin Rufino ao antigo Território, vindo do Amazonas. Importa observar que Souza (2009, p.40), quando apresenta questões ligadas aos migrantes, afirma que estes chegavam de regiões próximas, dentro da própria Amazônia: “[...] ao longo do século XX, Roraima recebeu muitos migrantes intrarregionais, ou seja, aqueles originários ou provenientes dos vários estados amazônicos, sendo possível destacar os vindos do Amazonas e do Pará.” Com a família advinda das regiões do interior do Amazonas, o entrevistado reforça valores culturais da região, como a culinária do peixe.

Eliakin afirma que sua infância estaria ligada ao rio, justificada pela compra realizada pelos seus pais, de uma casa à beira do Rio Branco. Diz ele: “[...] a minha infância é andando de canoa, pescando, dormindo na praia.” (RUFINO, 2019). O rio Branco tem em sua essência uma forte influência na formação cultural da cidade de Boa Vista. De acordo com Barros (1995), no final do século XVIII os portugueses iniciaram a ocupação da área do alto rio Branco, instalando três Fazendas Reais, a saber: Fazenda São Marcos, Fazenda de São Bento e Fazenda de São José. Posteriormente, surgiram os primeiros incentivos da acanhada ocupação da região do vale do rio Branco, através da criação e abate de gado, tornando-se assim uma importante fornecedora de carne para sub-região ao norte do rio Negro. (SILVEIRA; GATTI, 1988; OLIVEIRA, 2008).

Percebe-se que não somente Eliakin Rufino teve sua infância ligada ao rio, mas a gênese da cidade de Boa Vista tem na sua própria trajetória a ligação com o rio Branco, pois os indígenas, os portugueses e os comerciantes, bem como, os primeiros migrantes, dependiam das águas do rio para circularem no primeiro momento de formação do lugar. Porém, só depois é que seria modificada a dinâmica na cidade, o que ocorreu apenas com a abertura das estradas, principalmente da BR-174 (Boa Vista a Manaus), permitindo que a Boa Vista do rio Branco passasse a ter conexões com o restante do país via terrestre. (OLIVEIRA, 2008; VALE, 2005).

Na sua infância, Eliakin lembra do contato com a Biblioteca Pública, enquanto estudou nas escolas Lobo D'Almada e Oswaldo Cruz

a possibilidade de adotar-se outro nome para Boa Vista (Uilã, Parima ou outra designação ligada a cultura regional). Porém, o Deputado Valério Magalhães foi contrário à mudança em respeito ao seu bisavô e fundador da fazenda Boa Vista, o qual, lhe conferiu a respectiva denominação. (MAGALHÃES, 1986).

Essa cidadezinha aí, pequenininha né, o grupo escolar que eu estudava ali no Oswaldo Cruz, no Lobo Dalmada⁵, e meus pais da igreja batista, eram evangélicos, então tem uma, eu tenho esse circuito escola, igreja, biblioteca pública, que tinha uma pequena biblioteca que onde eu e meu irmão vamos ler né, toda nossa formação é nessa biblioteca aí...e uma cidade ainda toda de rua de terra, andando de bike...eu tenho lembranças ótimas assim (RUFINO, 2019).

Quando Eliakin afirma: “tinha uma pequena biblioteca que onde eu e meu irmão vamos ler né, toda nossa formação é nessa Biblioteca aí” (RUFINO, 2019), faz-se importante analisar a escola, ao longo da história, sobre seus diversos interesses. Para tanto, tem-se nas relações de poder implementadas no interior e no exterior das instituições, mediações culturais na cultura escolar

um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização. Normas e práticas não podem ser analisadas sem levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e demais professores. Mas, para além dos limites da escola, pode-se buscar e identificar em um sentido mais amplo, modos de pensar e agir largamente difundidos no interior de nossas sociedades, modos que não concebem a aquisição de conhecimentos e de habilidades senão por intermédio de processos formais de escolarização: aqui se encontra a escalada dos dispositivos propostos pela schooled society que seria preciso analisar; nova religião com seus mitos e ritos contra o qual Ivan Illich se levantou, com vigor, há mais de vinte anos. Enfim, por cultura escolar é conveniente compreender também, quando é possível, as culturas infantis (no sentido antropológico do termo), que se desenvolvem nos pátios dos recreios e o afastamento que apresentam em relação às culturas familiares (JULIA, 2001, p.10-11).

Portanto, o rio-branquense e roraimense Eliakin Rufino, ao ser inserido nas escolas de Roraima, estaria ligado a um projeto de governo muito maior, que não apenas se vinculava aos interesses dos militares na região Amazônica. Desta forma, a identidade do poeta passa por processos sociais existentes no contexto escolar, que fomentaram circunstâncias em dimensões macro e micro, forjando o caráter individual nas adoções de posturas na sociedade roraimense. (SCHRAMM, 2013).

Nas reminiscências de Eliakin Rufino, lembrando do tempo da escola Oswaldo Cruz, coloca que minha escola primária foi o Grupo Escolar

⁵ É importante lembrar que a Escola recebe esse nome em homenagem ao comandante Manuel da Gama Lobo D'Almada que em 1789, para garantir a presença do homem, dito civilizado, nos campos naturais do rio Branco introduziu o gado bovino e equino. Inicialmente na fazenda São Bento, no Uraricoera, depois na fazenda São José, no Tacutu, e, em 1799, na fazenda São Marcos. Esta ainda hoje existe, pertence aos índios e está localizada em frente ao local onde existia o Forte São Joaquim. (IBGE, 2005).

Oswaldo Cruz. Naquele tempo a pré-escola era chamada de pré-primário. Fiz o pré-primário e as primeiras séries no Oswaldo Cruz. Na frente do Grupo estava – e ainda está – a praça da Bandeira com seus canhões: a primeira grande arma que meus olhos de criança visualizaram. Na minha infância, os pais não precisavam acompanhar os filhos até o portão da escola. Todos nós íamos caminhando. Um caju aqui, uma manga acolá, uma tamarindo e muitas vezes uma carreira veloz com medo do Gil – um doente mental inofensivo que não gostava de ser chamado de Cotia. (RUFINO, 1993).

A memória do lugar é marcada por lembranças prazerosas e de como havia liberdade na infância nos tempos do Primário. Quando o único medo do Eliakin menino, era o Gil, que segundo o poeta era tratado como doente mental e não gostava de ser apelidado e nos dias de hoje seria o *bullying*⁶. Outro momento do período da infância na escola Oswaldo Cruz, são as professoras que influenciaram o gosto pela poesia

E as mestras? Se Cora Coralina teve mestra Silvina, eu tive muito mais, tive quatro mestras: Racy, Raquel, Isabel e Maria Noletto. Tantos anos já corridos... Tantas voltas deu-me a vida... Mas aí estão elas, jovens professoras ensinando as primeiras palavras. Nasce aí o meu amor pelas palavras, o meu desejo de decifrá-las e de utilizá-las na construção dos meus textos poéticos. (RUFINO, 1993).

É dessa maneira que Eliakin confirma sua infância como lugar de inspiração aos poemas futuros, dedicando parte da sua trajetória de vida ao momento da infância e as professoras, que como ele diz: “abriram seus olhos” e cita Cora Coralina em homenagem as mestras que inspiraram sua vida

Cora Coralina escreveu um poema belíssimo dedicado à sua professora primária Mestra Silvina: "Minha escola primária, fostes meu ponto de partida, dei voltas ao mundo. Criei meus mundos... Minha escola primária. Minha memória reverencia minha velha Mestra". O poema intitulado Mestra Silvina, está no livro Vintém de Cobre – meias confissões de Aninha. (RUFINO, 1993).

Percebe-se, portanto, o quanto o poeta valoriza o papel da escola primária ao citar Cora Coralina. Da professora que inspirou a mestre poetisa do interior de Goiás, cidade do Goiás. E, do lugar que o inspirou a viver, modifica seu mundo, voltando-se a ele, e o recriando a partir do lugar e da memória de onde tudo começou em Boa Vista, Roraima.

Em sua adolescência ele relata algumas leituras que também serviram de inspiração em sua vida como poeta. Rememorando o período, Eliakin expõe

Aí eu descubro a poesia nos livros e vou pra biblioteca atrás dos autores, e ainda antes dos 16 anos eu já tinha lido Castro Alves, Drummond, é, J G de Araújo Jorge que era um poeta que foi deputado Federal também e tal, eu li inclusive o Joaquim Cardoso que ele é um matemático calculista do Niemayer,

⁶ Bullying é uma palavra de origem inglesa que designa atos de agressão e intimidação repetitivos contra um indivíduo que não é aceito por um grupo, geralmente na escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/sociologia/bullying.htm>

e ele é poeta também, então, já nessa época eu já tinha leituras múltiplas. (RUFINO, 2019).

A sede de leitura marca a infância e adolescência do menino Eliakin, que se via mergulhado na busca de conhecer mais. Apaixonando-se pelas palavras, versos, poemas, nos pavilhões da Biblioteca. Logo depois, mudanças profundas marcariam sua vida, como uma viagem para Brasília e a paixão pela cidade de Goiânia, em que começaria o curso de Jornalismo na Universidade Federal de Goiás. Assim ele diz:

O secundário eu só fiz o 1º ano lá em Roraima, porque naquele tempo não tinha lá o secundário, tinha um magistério, que formava professores de 1 à 4ª séries, e esse era o único secundário, era o magistério. Eu fiz ainda o primeiro ano, mas como meu irmão já havia saído pra estudar fora, em Belém tinha uma casa do estudante roraimense em Belém, eu também já sonhava com essa casa né, meu irmão já tinha ido na frente, ele é 3 anos mais velho do que eu, meu único irmão, mas a mamãe achou que não, os dois juntos em Belém não ia, e numa casa do estudante com mais 30, ela achava que, ela não ficou muito satisfeita com ... aí eu tinha um tio em Brasília, e ela me leva pra Brasília, aí esse menino da beira do rio ali pescando, vou pro planalto, seco, sem água, sem rio por perto...e aí foi um choque muito grande, eu fiz o segundo ano do ensino médio, num colégio chamado Elefante Branco, lá em Brasília, que era uma escola pública, mas não me adaptei muito nessa Brasília, Brasília tinha 13 anos de criação só, né...e eu 16, então não me dei muito bem com essa...era uma cidade de pessoas que estavam ligadas ao poder, né era pouco habitada e tal, e eu fui conhecer Goiânia, me apaixonei por Goiânia que tinha mais cara de cidade né, tinha centro, tinha vida cultural, tinha escritores renomados, já tinha uma história, Goiás tem uma história desde de Goiás velho não é, Cora Coralina ainda era viva nesse tempo, então eu me apaixonei por Goiás, por isso tudo e mudei pra Goiânia e fiz o terceiro ano do ensino médio lá em 74, passei no vestibular, e em 75 eu começo a fazer jornalismo na Federal de Goiás, e vai indo tudo muito bem, até que no mês de outubro a Ditadura militar mata o Vladimir Herzog, que é um ano emblemático de perseguição da imprensa, é o ano de 75, e é o ano que eu começo fazer jornalismo né, quer dizer, aí a minha família ficou preocupada né, porque além da censura né aos jornais, a perseguição a jornalistas e o assassinato de um jornalista em uma situação misteriosa né, que eles dizem que ele se suicidou, mas, na verdade, ele foi assassinado né durante uma sessão de tortura e eu sou levado a abandonar o curso, porque a minha família temia pelo meu futuro e era fatalmente, o que ia acontecer comigo era mais ou menos algo assim, que eu já era rebelde, já fazia música, já fazia música de protesto, já participava dos movimentos é, e olha que já estamos aí na metade da ditadura que em 74 fez 10 anos, isso acontecia no décimo primeiro ano de uma ditadura que vai durar 20 anos, então a gente não sabia quanto tempo isso ia durar...eu abandono a faculdade e tenho um período de errâncias aqui pelo Brasil mesmo, a minha fase de hippie, e eu dou um grande rolê pelo Brasil, principalmente aqui pelo nordeste. Eu faço Boa Vista Arembepe na Bahia, que era a meca dos hippies, era Arembepe né, aldeia hippie de Arembepe, eu fiz Boa Vista Arembepe – Boa Vista, de carona nessa experiência hippie que é uma experiência fantástica da minha vida também, conheço um Brasil de perto né, e é uma experiência muito radical, isso em 77, eu abandono a faculdade ainda em 75, passo 76 entre Boa Vista, Manaus, Belém e tal, e em 77 faço essa viagem mais radical, e quando volto, eu vou pra Venezuela e me autoexilo na Venezuela durante 2 anos, (que foram anos bem difíceis pra mim, eu fui pra Venezuela

sem dinheiro, sem documento e sem falar o idioma) que é 78, 79, em 79 vem o decreto de Anistia, eu tenho notícia de que todo mundo vai voltar pra passar o natal de 79 em casa e eu digo todo mundo, que voltou nessa época o Fernando Gabeira, Paulo Freire, Miguel Arrais, é ..., Betinho, todo mundo que estava exilado né, volta nesse momento e eu também, meio que acompanho, mesmo estando autoexilado, mas eu vivo isso também né! (RUFINO, 2019).

Nesse momento de sua vida Eliakin recorda aquilo que se pode chamar de “fase hippie”. Conforme evoca o tempo, descreve o itinerário pela cidade de Brasília e, posteriormente, em Goiânia, em que interrompeu o curso de graduação em consequência da Ditadura Militar, que resultou na morte do Jornalista Vladimir Herzog⁷ e culminou na perseguição aos profissionais de jornalismo.

A “fase hippie”, nas aldeias hippies da Bahia⁸, trouxe a influência do tropicalismo. Lugar que visitantes ilustres como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Rita Lee, e artistas estrangeiros como Janis Joplin e Mick Jagger. (PESSÔA, 2007). O lugar que Eliakin se refugia em suas andanças, pode ser melhor descrito no trecho do livro de Hoisel (2003):

Quando e como começou a aldeia hippie, não se sabe. Possivelmente, fins dos anos sessenta algum chincheiro curtidor chegou e resolveu ficar. Fez casinha com palha de coqueiro, e ninguém reclamou. Arrumou – ou tinha – companhia e foi ficando. Encontrou outro maluco fazedor de colares e pulseiras em Itapuã ou no Mercado Modelo, onde vez em quando ia vender seu produto, e espalhou discretamente a descoberta. Foram aparecendo outros e outras, fazendo casinhas e ficando, sem ninguém reclamar. Tudo deserto, ninguém para encher o saco, natureza limpa, a praia, o rio, o pôr do sol e o nascer da lua, os coqueiros fornecendo material de construção e coco à vontade a fome a sede. Arembepe logo ali, para um apoio imediato. E principalmente, ninguém. Ninguém para reclamar dos trajés ou da falta deles, ninguém para fiscalizar os comportamentos assumidos. Silêncio e paz. Lugar ideal para o amor, ao som discreto das guitarras, flautas e bongôs. Liberdade. Li-ber-da-de! estava fundado o paraíso. (HOISEL, 2003, p.27).

A busca da liberdade que Eliakin menciona, tem a ver com o momento de repressão do Brasil ditatorial na década de 1970. Sua procura por espaços contraculturais, como a aldeia hippie e a viagem de Boa Vista a Bahia de carona, reflete uma forma de resistência da juventude neste período de opressão das liberdades. Assim, Kaminski (2018, p.18) explica:

Nesse contexto, a estrada era vista como um espaço de liberdade onde se poderia suspender, ao menos temporariamente, o cotidiano sufocante da ditadura. Nessa mesma perspectiva, os jovens ocuparam determinados

⁷ Durante a administração do governo Geisel no ano de 1974, ocorreu a tortura e o assassinato de Vladimir Herzog, jornalista naturalizado brasileiro, que dirigia o departamento de telejornalismo da TV Cultura. Vinculado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), em 24 de outubro de 1975 foi convocado a prestar depoimento sobre suas ligações com o Partido.

⁸ A Aldeia Hippie, fica localizada no município de Camaçari, há aproximadamente 60 km de Salvador em direção Norte, seguindo a Estrada do Côco. Ocupando uma faixa entre a estrada, a lagoa do Rio Capivara, a Aldeia foi construída sobre vasto areal, o acesso a ela se faz a pé (ou de buggie) pelas dunas, partindo-se da Aldeia de Arembepe. (PESSÔA, 2007, p.168).

lugares, apropriaram-se deles, dando-lhes novas significações. Eram refúgios, territórios livres, onde poderiam viver e experimentar a revolução dos costumes. Espaços contraculturais, como aldeia hippie de Arembepe, na Bahia, e o pier de Ipanema, no Rio de Janeiro, que se tornavam locais de sociabilidade dos jovens e destino dos viajantes da contracultura. O mesmo aconteceu em muitos outros lugares pelo Brasil, algumas praias tornaram-se verdadeiros “paraísos contraculturais”. No início dos anos 1970 era possível ver jovens instalados com barracas ou sacos de dormir em praias e praças em diferentes pontos do país, nas capitais e no interior, de Santana do Livramento, no Rio Grande do Sul, até Manaus.

As maneiras de refúgio da juventude dos anos de 1970 são incorporadas na trajetória de Eliakin Rufino construindo parte daquilo que o Movimento Roraimera seria no futuro, expressão da contracultura em Roraima e oposição a herança do militarismo na região amazônica. Foi desta forma que as andanças de Eliakin receberam inspiração tanto na “countercultural travel style” (KAMINSKI, 2008), como por ícones da esquerda.

Paulo Freire, exilado da ditadura, faz uma reflexão em 1980 em Goiânia ao voltar do exílio, conforme discurso publicado no jornal O Popular no período da ditadura militar no Brasil. Ainda vivendo as repressões contra os intelectuais diz ele: “quando você está submetido a um processo castrador da inventividade, castrador da curiosidade, da criatividade”. (BRANDÃO, 2018, p.31). Com isso, tem-se um jovem poeta castrado de suas liberdades, em busca de refúgio, imitando lideranças perseguidas no Brasil Militar.

Eliakin Rufino decide retornar do autoexílio e passar um período em Manaus, em decorrência de sua aprovação no curso de Filosofia na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Diz ele:

[...] e volto, passo no vestibular pra Filosofia na UFAM, e aí eu dou uma parada né, até me formar eu fico em Manaus, durante 5 anos de 80 a 84, nesse período já havia um sentimento nacional de pôr fim a ditadura, que já tinha durado 16 anos, e eu me engajo nesse movimento, não só no movimento de ativismo político, mas em movimentos de defesa dos negros, que eu sempre me considerei negro, embora não seja preto, mas eu sou negro, e também nesse momento em Manaus está se formando o movimento Alma Negra e eu me engajo também nesse movimento, no movimento na criação do Jornal Porantim, que era em defesa dos índios, enfim eu volto pro Brasil com sede de cidadania, com sede de mudar o país, e esses 5 anos em Manaus, e fazendo filosofia, então que era uma coisa bem diferente dos meninos de Boa Vista, que tinham saído pra estudar fora, saíram pra estudar veterinária, medicina, engenharia né, então estudar filosofia já era uma coisa diferente, mas porque eu queria isso né, eu queria ser um pensador da minha terra, então a filosofia veio a calhar. Estudo lá durante 5 anos, eu moro em Manaus de 80 à 84, e regresso definitivamente pra Boa Vista em 85, de maneira que aquela minha saída lá com 16 anos em 73 pra estudar em Brasília até esse ano de 84, são 12 anos da minha odisseia⁹ fora de Roraima, eu tenho a infância e a adolescência

⁹ Acredita-se que Homero tenha composto duas grandes obras: a "Ilíada", que conta a guerra de Tróia; e a "Odisseia", que conta a volta de Ulisses de Tróia para sua casa. (ROCHA, 2000).

lá, passo esses 12 anos fora e volto com esse diploma de filosofia, pra tentar fazer uma revolução em Roraima, essa revolução que vai se chamar Roraimeira que é um Movimento Cultural de busca da construção de uma identidade pra nosso povo, porque na época da ditadura, os militares colocaram no centro da cidade de Boa vista uma estátua de um garimpeiro, uma estátua gigante de um garimpeiro, sinalizando que ali era um garimpo né, e você sabe que garimpo, garimpo não tem caráter né, garimpo não tem personalidade, garimpo é faroeste caboclo é terra de ninguém, é lugar de exploração, é lugar de saque, e aí eu não queria esse destino pra minha terra, né esse destino de currutela¹⁰ de garimpo (RUFINO, 2019).

Entre os anos de 1980 e 1984, Eliakin Rufino menciona o sentimento pelo fim da Ditadura no Brasil. Um olhar atento para esse período faz perceber uma sequência de eventos que contestam o poder dos militares. Em 1982, houve na crise da dívida externa o reconhecimento, por parte do governo, de que o país não tinha condições de saldar os compromissos financeiros. Em 1983 ocorre greve geral convocada pelos sindicatos, de forma unificada, que paralisa o país por um dia e aumenta a pressão sobre a ditadura. Em novembro do mesmo ano ocorre o primeiro comício pela eleição direta do sucessor do general Figueiredo que acontece em São Paulo, defronte ao Estádio do Pacaembu. O evento, promovido pelo PT, reúne aproximadamente 10 mil pessoas. Em 1984, de janeiro a abril, ocorreram dezenas de comícios, que reivindicavam a aprovação da emenda para restabelecer as eleições diretas para Presidente. (LINHA..., 2014). O sentimento antiditadura também é manifestado na cultura musical, o que fica evidente na música “Vai Passar” descrita abaixo:

Vai passar
 Nessa avenida um samba popular
 Cada paralelepípedo
 Da velha cidade
 Essa noite vai
 Se arrepiar
 Ao lembrar
 Que aqui passaram sambas imortais
 Que aqui sangraram pelos pés
 Que aqui sambaram nossos ancestrais
 Num tempo
 Página infeliz da nossa história
 Passagem desbotada da memória
 Das nossas gerações
Dormia
A nossa pátria mãe tão distraída
Sem perceber era subtraída
Em tenebrosas transações. (HOLANDA, 1999, p.402, grifo nosso)

¹⁰ A definição de garimpo [...] diz respeito ao lugar onde é executado todo o processo da atividade de mineração. Inclui os baixões (local onde se extrai o ouro), as *currutelas* onde estão localizadas as pistas de pouso, a cantina e o dormitório. (RODRIGUES, 1996, p.20)

O cantor Chico Buarque expressa sentimentos por meio da música contra a ditadura militar e, como não podia falar de tudo que acontecia no Brasil, devido a censura, o artista escrevia com mensagens figuradas. No caso da música “Vai Passar”, os sentimentos contidos nos versos em figura de linguagem, apresentam a mensagem do artista ao povo brasileiro, pedindo a redemocratização do país e afirmando que “Vai passar [...], Página infeliz da nossa história. Passagem desbotada da memória”. (HOLANDA, 1999, p.402).

É no Movimento Alma Negra (MOAN), da cidade de Manaus, que Eliakin se engaja em meio aos sentimentos políticos que permeavam os brasileiros no período tenebroso da ditadura militar. Um Movimento formado por jovens em sua maioria negros, mas que já recebera adesão de brancos e mestiços, cujo objetivo era resgatar a memória do negro.¹¹ Sobre o Movimento apresenta-se as seguintes considerações:

Em 1979, no Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL), estudavam José Soeiro do Nascimento e Suanam Maria Carneiro. “A Suanam fazia Comunicação e Direito ao mesmo tempo e era minha colega na turma de Direito”. Um certo dia de abril daquele ano, movidos pela euforia que o artigo tinha proporcionado, saíram juntos Nestor Nascimento, Adaides “Dada”, estudante do curso de Comunicação Social e Carlos Santiago para uma conversa num bar situado à rua Getúlio Vargas, ao lado do Cheik Club. Nesse bar discutiam temas como a abertura política, a situação do negro no país e etc. Dessa conversa tiveram a ideia de organizar o movimento. Percebe-se que uma discussão que havia começado no meio universitário e causado uma grande agitação no meio acadêmico foi ampliado, saindo da Universidade e chegando a um bar, depois a uma esquina e nos mais diferentes lugares possíveis. Surge então o Movimento Alma Negra, em 09 de maio de 1979, por força de vontade de um grupo de estudantes universitários e secundaristas que se reuniram nas dependências da Universidade do Amazonas particularmente no Instituto de Ciências Humanas e Letras, situado à rua Emilio Moreira, na Praça 14 de Janeiro, onde hoje funciona a Faculdade de Estudos Sociais (FES), nesse local ocorreram as primeiras reuniões. Com a continuação do movimento passaram a se reunir na residência de Henrique Oliveira Melo, na rua Visconde de Porto Alegre, Praça 14 de Janeiro e no “Jaqueirão”, tradicional ponto de encontro, local de festas e etc., situado no mesmo bairro. Mais tarde passaram a se reunir no Centro de Estudos de Comportamento Humano (CENESC) situado à Avenida Joaquim Nabuco ao lado de onde hoje se encontra a sede do Diretório Central dos Estudantes (DCE). Destaca-se ainda que o nome do movimento (Alma Negra) apresentou uma quebra de tabu pois o que antes significava dificuldade, sofrimento, fraude, erro e etc., passou a representar vontade, esperança, confiança, virtude e luta. (SANTIAGO,1994, p.15).

¹¹ Raimundo Pinto, presidente em exercício do movimento, conta que quando os primeiros negros chegaram à Manaus, dirigiram-se para a periferia da cidade e estabeleceram-se no local onde fica o aeroporto de Ponta Pelada. Mais tarde eles se espalharam para o Morro da Liberdade, Seringal Mirim e Praça 14, o mais importante reduto atual. Para Nestor Nascimento, um dos integrantes do MOAN, o que marca a presença dos negros na Praça 14 são as comemorações de São Benedito, que tem sua imagem guardada na casa de uma das famílias tradicionais do bairro. A Praça 14 é um polo radiador da cultura negra no Estado, pois de lá saíram as primeiras escolas de samba e bois-bumbás.

Santiago (1994, p.23) destaca que além das causas já mencionadas como a condição dos negros, em 1980, o fundador, Nestor Nascimento, apresenta várias lutas, como: “o MOAN teve grande atuação no contexto político da década de 1980 com participação no movimento estudantil, na luta pelas eleições diretas, pela defesa do meio ambiente, pela anistia e etc.”. Portanto, é nesse contexto histórico, que Eliakin Rufino menciona estar envolvido com o MOAN.

Em trecho de sua entrevista, Eliakin comenta do seu envolvimento com o Jornal Porantim. De acordo com Vieira (2000, p.33), “o jornal Porantim, ainda com aspecto de boletim teve seu primeiro número mimeografado em maio de 1978”. O próprio nome já demonstrava sua causa: “remo, arma e memória da tribo sateré-maué que chamavam porantim, uma clava em forma de remo.” (VIEIRA, p.23). Desta forma, o Jornal que começa como boletim do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), fundado em 23 de abril de 1972, órgão anexo à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), surge no contexto do delírio militar desenvolvimentista da Amazônia, em 1972, na abertura da Rodovia Transamazônica e que representou a destruição de pelo menos 30 territórios indígenas e a morte de muitos índios. (HECK; SILVA; FEITOSA, 2012).

Eliakin se vê engajado por movimentos de diversos interesses, lutando por redemocratização no Brasil militarizado; condições sociais, econômicas e culturais dos negros brasileiros e pelos direitos dos Povos indígenas da Amazônia. Assim, o poeta, inicia o percurso que começa em Brasília, depois Goiânia, autoexilando-se na Venezuela. Vivendo ao estilo hippie dos anos de 1960, acampa na Aldeia Hippie em Arembepe na Bahia, o que ele chama de “Meca dos hippies”, viagem feita de carona entre o Território Federal de Roraima e o Nordeste. Nesse ínterim, cursa por pouco tempo Jornalismo em Goiás, para depois se encontrar no curso de filosofia na Universidade do Amazonas. Mora por cinco anos em Manaus e regressa para Boa Vista, definindo o período de doze anos de sua “odisseia fora de Roraima” (RUFINO, 2019).

Eliakin, compara-se ao jovem herói mitológico Ulisses¹² que deixando seu reino, Roraima, seu lar, seus pais, embora sem esposa e filhos recém-nascidos, segue em busca do seu destino. Pode-se desta forma afirmar que, entre a partida e o retorno de Eliakin, comparado ao herói mítico, ocorre a abdicação da sua personalidade de simples menino do recém-território de

¹² A figura de Ulisses transcendeu o âmbito da mitologia grega e se converteu em símbolo da capacidade do homem para superar as adversidades. Segundo a versão tradicional, Ulisses nasceu na ilha de Ítaca, filho do rei Laerte, que lhe legou o reino, e Anticléia. A Odisseia é a história da volta de Ulisses, o mais astuto de todos os gregos, para sua ilha de Ítaca, onde era rei. (ROCHA, 2000)

Roraima em construção e da psique infantil, retornando como adulto responsável para formar aquilo que o inspirou, e realizando algo além do nível que se encontrava Roraima em produção sociocultural.

Assim, Campbell (1991, p.138) define as trajetórias mitológicas, como um

[...] evoluir dessa posição de imaturidade psicológica para a coragem da autorresponsabilidade e a confiança exige morte e ressurreição. Esse é o motivo básico do périplo universal do herói – ele abandona determinada condição e encontra a fonte da vida, que o conduz a uma condição mais rica e madura.

Para Eliakin, seu retorno seria para “fazer uma revolução em Roraima, essa revolução que vai se chamar Roraimeira, que é um Movimento Cultural de busca da construção de uma identidade pra nosso povo.” (RUFINO, 2019). Nesse ponto, Eliade (2002) esclarece que em todas as culturas há rituais de iniciação do jovem na passagem para a idade adulta, muitas vezes compreendendo a saída do próprio lar, a qual o poeta reivindica ser a Odisseia de sua vida.

5 ELIAKIN RUFINO E O MOVIMENTO RORAIMEIRA: POESIA MUSICADA

Buriti do campo que prazer, igarapé
tão bom te conhecer. Boa Vista vai onde
a vista ver, no verde do campo vi você.
Correm mitos no vento, pedra de
Macunaíma, voa meu pensamento sobre
o Monte Roraima. Cidade do campo,
beira-rio, estrela do norte do Brasil.
Cidade do campo entardecer, Boa Vista
linda de se ver. Correm rios de tempo,
águas de Pacaraima, montes em
movimentos, coração de Roraima.
(**Cidade do Campo:** Eliakin Rufino)

Eliakin Rufino retorna definitivamente para Roraima em 1984, após está formado em Filosofia pela Universidade do Amazonas. Com isso, decide residir em Roraima, que no contexto sociocultural estava efervescendo em identidades conflitantes. Tem seu nome¹³ citado em poesia musicada por Zeca Preto, “Roraimeira”¹⁴, a qual ganhava o segundo lugar no II Festival de Música de Roraima em julho de 1984. (OLIVEIRA *et al*, 2009).

Sobre o momento vivenciado pelo poeta, Oliveira *et al* (2009) afirma que,

um movimento cultural chamado Roraimeira, ocorrido na década de 1980, buscou discutir o problema da identidade cultural roraimense através da produção de uma arte referenciada pelos elementos da vida e da paisagem local. Devido ao perfil do movimento, Eliakin Rufino, filósofo, professor e poeta roraimense premiado nacionalmente e um dos líderes do Roraimeira, afirma que o movimento foi uma espécie de Modernismo tardio, com influências Tropicalistas. (OLIVEIRA *et al*, 2009, p.28).

Para Eliakin Rufino o movimento é uma espécie de Modernismo tardio, com influências Tropicalistas, buscando romper com aquilo que Cândido (1985, p.119) afirma ocorrer anteriormente da literatura do Arcadismo e Romantismo, que é uma “etnografia fantasiosa, o ufanismo exacerbado e o destaque do índio cavalheiresco europeizado.” O movimento Modernista, no entanto, reinterpreta essa característica brasileira,

“rompe com a figura do índio europeizado, subverte a natureza pretensiosa e ataca de modo implacável o academicismo. E, ainda, acentua a importância cultural de figuras recalçadas como: o negro, o mestiço, as populações rurais e o imigrante.” (LIMA; FRAGA, 2019, p.23).

E, assim, Cândido (1985) apresenta o Modernismo

O nosso Modernismo importa essencialmente, em sua fase heroica, na libertação de uma série de recalques históricos, sociais, étnicos, que são trazidos triunfalmente à tona da consciência literária. Este sentimento de

¹³ Trecho da poesia musicada: “*Em tuas férteis terras enraizar a semente do poeta Eliakin nos seus versos inerentes ao amor*” (ZECA PRETO, 1984).

¹⁴ O Poema de Zeca Preto, “*Roraimeira*”, foi musicado no ano de 1984 e apresentado no II Festival de Música de Roraima (NASCIMENTO, 2014, p.39)

triunfo, que assinala o fim da posição de inferioridade no diálogo secular com Portugal e já nem o leva mais em conta, define a originalidade própria do Modernismo na dialética do geral e do particular. (CANDIDO, 2007, p. 119).

Essa reinterpretção imbuída do "espírito revolucionário modernista" (JOBIM, 2013, p.207) seria o convertimento do Romantismo para o espírito revoltado, inconformista, revolucionário do Modernismo tardio, que Eliakin menciona ser o herdeiro em Roraima, no início da década de 1980, com o Movimento Roraimeira.

Sobre o Modernismo tardio nas colocações de Eliakin Rufino, a pesquisa de Mibielli (2016, p.4920) coloca:

Eliakin Rufino, outro poeta do Roraimeira, fará letras de músicas com deslocamentos que agradam a ambos os discursos em contenda. Haverá uma referência ao exótico indígena, mas não será amazônico, fato que, crê-se, agradaria também aos integradores/desenvolvimentistas da elite local.

Segundo o pesquisador, a afirmação sobre o poeta procurou agradar dois públicos, e estaria embasada na própria entrevista de Eliakin, conforme a seguir:

Não, nós nunca, utilizamos nenhuma palavra indígena nas letras. Nós fazemos referências a elementos da cultura indígena. Inclusive, nas nossas letras, não tem nenhuma palavra yanomami, nenhuma palavra macuxi, nenhuma palavra wapixana. Esses termos indígenas que nós usamos nas letras são tupi-guarani, entende? São conhecidos. Por exemplo, jiquitaia, é uma pimenta típica daqui a pimenta malagueta torrada e moída com sal, que é um dos ícones da culinária e é um dos ícones da cultura indígena. Jiquitaia é uma palavra tupi, cruviana é tupi, capitiana é tupi. Ou seja, nós nunca, exageramos na inclusão de elementos indígenas na música, não. Nós fazemos referências à dança do parixara, à damorida que é um dos pratos da culinária indígena, às farinhas, à mandioca que é indígena, essas populações indígenas são chamadas "povos da mandioca". (*sic*) (RUFINO *apud* MIBIELLI, 2016, p.4920).

Assim, o pesquisador conclui em sua análise a região chamada "Exótico", como estivesse integrando-se ao desenvolvimento (tardiamente) com o restante do país. (MIBIELLI, 2016). De outra feita, Mibielli (2014, p.156) ao localizar a poesia de Eliakin Rufino, não afirma que sua poesia seja "marginal" e "antistablistment por convicção", mas a sua performance estaria ligada ao neoconformismo (HOLLANDA, 2001), pós década de 70/80, que "atua com desenvoltura no jornalismo e no ensaio acadêmico, marcando assim uma diferença". O que em sua prática poética estaria mais afeito aos moldes da academia, mais próximo da crítica literária universitária, o que leva a crer o motivo do seu nome está inserido na poesia musicada de Zeca Preto, que leva ao neologismo "Roraimeira", nome do próprio Movimento: "Em tuas férteis terras enraizar a semente do poeta Eliakin nos seus versos inerentes ao amor." (OLIVEIRA *et al*, 2009, p.29-30).

Embora Mibielli (2014; 2016) considere as poesias musicadas do Movimento Roraimeira como “não Modernistas tardios”, o poeta Eliakin Rufino, em sua autorrepresentação afirma ser Modernista:

No movimento Roraimeira nós tentamos esboçar uma fisionomia cultural pra cá, porque até então se dizia que aqui não tinha cultura, isso era um comentário recorrente. O grupo Roraimeira vai reconhecer na cultura indígena a nossa cultura mais ancestral, nossa base, porque a elite loca é racista, é anti-índio, eles passaram 300 anos escravizando os índios. Nós somos "consumidos" pelo povão, porque a elite rejeita, porque nós somos pró-índio. Talvez a nossa grande contribuição, do Roraimeira, é acabar com a crise de identidade que Roraima padecia. Eu acho que até o Roraimeira não havia uma arte local, mesmo: é a dor e a delícia de ser pioneiro. Em fevereiro de 1922, São Paulo, Semana de Arte Moderna, é uma revolução na arte brasileira. Os modernistas lançam uma grande pedra no lago tranquilo da influência europeia no Brasil, né? Agora, essa onda só chega em Roraima em 84: o movimento Roraimeira é o movimento modernista, que chega aqui em Roraima na década de 80. Toda nossa inspiração é modernista: é o Modernismo, é o movimento modernista...tardio. E é claro que ao longo desse período a gente foi vendo que tem influências de outros movimentos; a gente tem influência do movimento Tropicalista. O Roraimeira é o último movimento cultural brasileiro do século XX, por causa da distância, entende? Foram pipocando movimentos em Minas [...], no Nordeste [...], no Pará [...], em Manaus [...], até que, no final do século, tem um movimento aqui, no extremo Norte, na fronteira do Brasil, tem um movimento que está preocupado em construir uma identidade, uma estética regional. (RUFINO, 2019).

Todavia, ainda que a Literatura Comparada, aponte Eliakin Rufino como não “Modernista tardio”, essa pesquisa não pretende criar rótulos ao trabalho do poeta, mas discutir e problematizar autorrepresentações em sua trajetória enquanto músico, poeta, professor de filosofia e idealizador do Movimento Roraimeira. Com isso, contrapondo-se à Literatura Comparada, Wankler e Souza (2007, p.3) afirmam que

uma das manifestações em que mais facilmente se percebe traços culturais fortes é a música dos compositores de Roraima, cujo ritmo insinua um pouco de salsa e merengue, algo de carimbó, forró e pouco batuque. Este “mix” rítmico proporciona ao ouvinte, além do prazer, uma ideia das influências das diversas culturas confluentes em Roraima. Nas letras das canções, em grande parte, adaptações de poemas de escritores nascidos ou radicados no estado, percebe-se uma forte vinculação a temas e vocabulário regionais.

Destaca-se com isso, que a remixagem realizada pelo Movimento Roraimeira a partir de 1984, envolveu misturas de vários ritmos e “culturas confluentes em Roraima” (WANKLER; SOUZA, 2007). E, novamente as autoras reforçam

Através da leitura de textos literários de diferentes gêneros, observa-se que muitos daqueles produzidos em Roraima têm as marcas da vida neste universo fronteiriço, habitado por índios e não-índios, “incrustado” entre a Venezuela, a Guiana “Ingleza” e o resto do Brasil, a partir do qual se chega ao mar do Caribe por via terrestre e que recebe essa multiplicidade de influências. (WANKLER; SOUZA, 2007, p.3).

Tem-se assim para a região a construção de ritmos e culturas que serão promovidos pelo Movimento Roraima, tendo como divisão, duas fases¹⁵ de acordo com Oliveira *et al* (2009, p.28): “a primeira dedicada à exaltação estética da paisagem natural e das culturas do povo, fase fortemente marcada pelo desejo de construção de uma identidade local” e posteriormente uma segunda fase “voltada para manifestações críticas acerca dos problemas da região.”

A todo tempo Eliakin Rufino se autorrepresenta como promotor da identidade cultural de Roraima, por meio do Movimento Roraima, contudo Feitosa (2017, p.3459) retrata que

vários textos do Roraima, entre canções e poemas, (tanto da primeira quanto da segunda fase) já foram objeto de análise para projetos de pesquisa no âmbito da representação da cultura local, pois alguns professores pesquisadores de Roraima entendem que o movimento seja um dos principais construtores de uma imagem do Estado, assim como os próprios integrantes do movimento, que se autointitulam enquanto maiores representantes da cultura local. Entretanto, a produção do Roraima parece ser conhecida apenas por uma parcela da população de Roraima, hipótese analisada neste estudo.

Apontando o público que deglutiu as produções do Movimento Roraima, após 22 anos do período da oficialização do movimento em 1984, as conclusões da pesquisadora, mapeando a permanência dessa produção local entre um público jovem chega as seguintes observações:

[...] voltemos ao nosso ponto de partida, momento no qual fizemos os seguintes questionamentos: “1. Será que a maior parte do público conhecedor do movimento é formada por uma espécie de “elite cultural”? 2. Há a possibilidade de existência de uma memória coletiva e/ou culto a obra do Roraima entre leitores escolares que iniciaram sua vida escolar na primeira década do século XXI, ou seja, entre a possível segunda geração de leitores/receptores do movimento?” Em resposta ao primeiro questionamento, podemos afirmar que os 3.722 questionários respondidos por alunos de ensino médio da cidade de Boa Vista nos deram indícios de que o público jovem conhecedor do Roraima é extremamente delimitado, além de prevalecer em regiões centrais e privilegiadas da cidade, pois, a maioria das menções aos representantes do movimento e seus textos ocorreu nas escolas localizadas no centro, na zona norte e na zona sul de Boa Vista, que apresentam diferenças sociais em relação à zona oeste. Nesta zona, ao contrário das demais, o índice de citações foi o menor. No que concerne ao segundo questionamento, podemos inferir que muitas mudanças devem ocorrer para que de fato exista uma memória coletiva e/ou culto à obra do Roraima, tendo em vista que foram mínimas as alusões aos representantes e seus textos, pois, nos universos dos 3.722 adolescentes participantes da pesquisa, somente 76 mencionaram representantes do movimento e apenas 09 citaram seus textos. Vale ressaltar

¹⁵ A primeira fase de 1984 a 2000 e, a segunda fase a partir de 2000 com o fim do Trio Roraima (OLIVEIRA *et al* 2009, p.34).

que os resultados apresentados neste artigo, embora tenham origem numa grande quantidade de questionários, podem não expressar a totalidade dos fatos, pois das 22 escolas de ensino médio da cidade de Boa Vista, apenas seis foram analisadas nesta pesquisa. (FEITOSA, 2017, p.3459).

Afirma-se e apresenta-se contradições e identificações nas posições de autorrepresentações identitárias de Eliakin Rufino, bem como, do Movimento Roraimera, cuja trajetória está amalgamada ao poeta. Embora, a pesquisa apresente pouco conhecimento ao movimento em suas poesias musicadas, não pode ser negada a construção de um estilo remixado, chamado de “makunaimeira”¹⁶

assim sendo embalados pela makunaimeira, poetas e músicos criaram expressões e divulgaram peixes, frutas e costumes da região através da inserção do cotidiano amazônico em suas composições, cujos trabalhos sempre acompanhavam um glossário, esclarecendo sobre o significado de termos tanto amazônicos quanto os criados pelos próprios artistas locais. (OLIVEIRA *et al*, 2009, p.105).

Podemos afirmar que Eliakin Rufino, na chamada primeira fase do Movimento Roraima, contribui para divulgação de elementos que compõe o universo da cultura e dos costumes regionais de Roraima. Oliveira, et al (2009), apresentando as principais tendências e posturas que orientaram o movimento, assim expõe

forte influência de expressões indígenas; preocupação em divulgar as potencialidades turísticas do estado de Roraima; preocupação em divulgar os costumes e tradições indígenas; idealização de uma cidade/capital desprovida de problemas e conflitos; exaltação dos elementos da paisagem natural; fortes referências topofilicas; ausência de reflexão, mas explícita, sobre os problemas do estado [...] externam em seus versos críticas pertinentes, ainda que sutis, [...] as tendências verificadas indicam um posicionamento crítico dos membros do movimento. [...] Conjuntura de mudanças, cujos marcos seriam: o ciclo garimpeiro da segunda metade dos anos 1980; o crescimento demográfico acelerado; e a transformação do Território Federal de Roraima em estado em 1988 (OLIVEIRA *et al*, 2009, 33-34).

É possível perceber que os objetivos do movimento se vinculavam com a expressão do mundo verde amazônico, com relação a segunda fase a partir dos anos 2000, com fim do trio Roraimera (Eliakin Rufino, Zeca Preto e Neuber Uchôa) com carreiras individuais tem-se as seguintes análises:

Uma das características mais marcantes desse novo período é a pluralidade de manifestações e distintas posturas adotadas, onde o tom crítico e, em muitos

¹⁶ Inspirados pela pluralidade cultural existente em Roraima e, sobretudo, pelas fortes influências caribenhas, criaram um ritmo batizado como “makunaimeira” (OLIVEIRA *et al*, 2009, p.29), neologismo à Makunaimeira, identificado na obra de Makunaimeira, personagem lendário da tradição oral dos povos indígenas Pemon (*o termo Pemon é uma designação geral empregada para os povos indígenas Macuxi, Taurepang, Arekuna e Kamarakoto, que habitam a região em torno do Monte Roraima*), habitantes da região Circun-Roraima, e Makunaimeira, personagem migrado para a cultura acadêmica e científica alemã, na qual foi introduzido pela obra do etnógrafo Theodor Koch-Grünberg, autor do clássico *Do Roraima ao Orinoco* (1924). (CARVALHO, 2009, p.2).

casos, irônico em relação a problemas atrelados ao universo Amazônico e Roraimense são predominantes no conjunto da obra dos novos artistas e fundadores do movimento (OLIVEIRA *et al*, 2009, p.34).

6 DISCUSSÃO SOBRE O FORMATO

Os alunos da educação básica de hoje já nasceram conectados ao mundo virtual, são praticamente nativos digitais. (ENTENDA..., 2018). Todos esses jovens têm a tecnologia muito mais integrada à sua realidade. A decisão pelo *website* deu-se no sentido de ser uma ferramenta importante de comunicação com os jovens e com a comunidade.

A presença dos recursos digitais em prol do ensino tornou-se primordial para integrar essa nova geração tecnológica à educação. Assim, os educadores ganham o auxílio de novas ferramentas para tornar as aulas mais instigantes, diferenciadas e participativas. O aluno, por sua vez, sente-se mais à vontade e motivado a estudar, aumentando sua autoestima, pois a inserção da tecnologia ao ensino estimula a interação e aumenta a motivação. (ENTENDA..., 2018). Com esse auxílio tecnológico, mesmo com os mais tímidos são capazes de realizar trabalhos em grupo, expressar suas opiniões e mostrar seus conhecimentos, sentindo-se parte ativa e importante no desenvolvimento do aprendizado de todos.

Justificada por esse cenário a pesquisa quer atingir os jovens do ensino médio, os discentes e docentes dos cursos de ciências humanas e linguagens, e os docentes do ensino médio. Para que estes possam acessar os conteúdos produzidos na pesquisa, os residentes do Brasil das mais diversas regiões, que tenham interesse em História e Literatura Regional, Arte e estética poética da música em Roraima, entre os anos de 1984 a 2000. Não haverá restrição de classe social, pois, todos gozam dos mesmos direitos de obterem acesso à arte brasileira. A pesquisa dispõe ser apresentada em Congresso; Encontro; Seminário; Mesa-redonda; Simpósio; Painel; Fórum; Conferência; Jornada; minicursos; Colóquio; Semanas; Workshop, propondo despertar interesses dos profissionais da educação de ensino de História, por meio do uso didático-pedagógico de novas mídias e tecnologias do chamado *webcurrículo*.

A abrangência da tecnologia na atualidade, em conjunto com o acesso fácil e gratuito, são condições primordiais para o sucesso do *website*. Esse conjunto de fatores possibilita alcançar um número maior de alunos e professores, tornando o produto aplicável.

7 APRESENTAÇÃO DO PRODUTO

Um *website* é o conjunto de páginas ordenadas em um servidor de internet cujo acesso ocorre a partir de um domínio. Assim como uma casa contém móveis como sofá, armário, mesa, cama, um site é constituído por páginas que têm textos, imagens, gráficos, vídeos e outras formas de mídia. Ele é altamente dinâmico e pode conter dicas, guias, artigos, infográficos e conteúdos disponíveis abertamente para todos os visitantes.

A criação do *website* compõe os seguintes passos, conforme Souza (2018):

a) Registra-se um domínio: o domínio, também conhecido como URL, é o endereço do site. Ou seja, aquilo que os visitantes precisam digitar na barra do navegador para chegar ao mesmo. Existem várias categorias de domínio. As mais comuns são .com e a sua versão brasileira .com.br.

b) Hospeda-se o site: se o domínio é o endereço do *site*, a hospedagem é o “terreno” que está nesse endereço. Ali ficam todas as páginas, imagens e arquivos do *site*, para que os visitantes possam acessá-los.

c) Escolhe-se o tema: *sites* feitos com um tema responsivo conseguem se adaptar para uma exibição otimizada em diferentes navegadores e tamanhos de tela. Essa característica é importante porque, atualmente, muitos usuários acessam *sites* por meio de aparelhos móveis, como *tablets* e *smartphones*.

d) Produz-se o conteúdo: define-se o tema central, que, no caso de *sites*, é aquilo que o usuário está buscando quando clicar no *link* que levará até a página; cria-se uma lista de tópicos, pois, além de facilitar o acesso, vai ajudar a entender o conteúdo disponibilizado; divide-se os tópicos em subtópicos (que já podem ser o conteúdo de cada parágrafo); transforma-se os tópicos em textos; e revisa-se o conteúdo. Em todo esse processo, leva-se muito em conta o público-alvo.

O *website* desta pesquisa foi criado com o endereço www.poetadomundoverde.com.br, onde os tópicos estão dispostos na coluna superior da tela principal de forma a orientar quem for acessar. Disponibilizam-se cinco tópicos de conteúdos intitulados “contexto histórico”, “movimento roraimera”, “trajetória”, “entrevista” e “contato”.

O tópico “O Lugar” contém os subtópicos intitulados “Contexto Histórico de Roraima”, “Belezas Naturais”, “Culinária”.

O tópico “Trajetória” contém os subtópicos intitulados “Eliakin Rufino”, “Artigos e Jornais”, “Vídeos e Entrevistas” e “Poesias”.

O tópico “Movimento Roraimense”, contém um resumo sobre o Movimento e o vídeo da entrevista com seus integrantes.

O tópico “Entrevista”, contém a transcrição da entrevista realizada com o poeta Eliakin Rufino.

As imagens criadas e disponibilizadas fazem parte da hemeroteca do poeta Eliakin Rufino.

O endereço do site com alguns *prints* da tela do site abaixo:

WWW.POETADOMUNDOVERDE.COM.BR



Contexto Histórico De Roraima - x

poetadomundoverde.com.br/contexto-historico-de-roraima/

Início O Lugar Trajetória Movimento Roraimeira Entrevista Contato

Contexto Histórico de Roraima



Roraima

Contexto Histórico de Roraima

Atravessado pela Linha do Equador Roraima é o único estado brasileiro localizado no hemisfério norte, e sua capital Boa Vista é a mais distante do Distrito Federal. Junto com os estados do Amazonas, Rondônia, Pará, Amapá, Mato Grosso, Tocantins, Acre e oeste do Maranhão, Roraima integra a Amazônia Legal, totalizando 69% do território brasileiro e 42% da população em um território 1521174 19000, sendo 79% de sua população vivendo em apenas 8 polos urbanos.

Eliakin Rufino - Poeta Do Mundo - x

poetadomundoverde.com.br/eliakin-rufino/?_cf_chl_jschl_tk_=6a7934c0daf2d481cc94d90ac29a7a4f17046d66-1625141282-0-AcOXjzYDn7-ITFUahH83cOFIms1SslPbhaxD5MUjpyKlq4sI9OmIag0YZ...

Início O Lugar Trajetória Movimento Roraimeira Entrevista Contato

- Eliakin Rufino
- Artigos e jornais
- Vídeos e Entrevistas
- Poesias



Eliakin Rufino

Eliakin Rufino de Souza, conhecido artisticamente como **Poeta Eliakin**, nasceu em Boa Vista, em 27 de maio de 1956. É filho de Genésio Rufino de Souza e Joana Rufino de Souza, ambos do vizinho estado do Amazonas e vindos para Boa Vista na década de 1940. Naquela época, Boa Vista era a capital do Território Federal do Rio Branco.

Os primeiros contatos do então menino Eliakin com a música e a leitura aconteceram nos anos de 1960, na Igreja Batista, da qual seus pais eram membros. Durante a infância esteve durante um ano no Rio de Janeiro onde frequentou a Escola Vitória, também da Igreja Batista.

Na adolescência, ganhou de presente da mãe um violão e uma máquina de escrever. Enquanto frequentava o curso ginasial, sobressaiu-se como declamador de poemas.



8 APLICAÇÃO DO PRODUTO

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é previsto o uso de tecnologias com o objetivo de que os alunos a utilizem de maneira crítica e responsável ao longo da Educação Básica.

Uma metodologia que inova e transforma tecnologias em ferramentas pedagógicas pode prender muito mais a atenção do estudante contemporâneo. Sendo assim, adaptar os sistemas educativos é cada vez mais necessário.

O produto desta pesquisa consiste em um *website* que pode servir como material didático e/ou complementar para professores, pesquisadores e alunos da área de Humanas. Os materiais didáticos disponibilizados no *website* incluem: textos, artigos, fotos e vídeos, que apresentam e explicam os conteúdos abordados. Os textos do material foram extraídos de livros acadêmicos, jornais, artigos, entrevistas e de sites da *internet*, que constam nas referências do *website*.

Com as novas tecnologias, algo se consolidou entre os professores da Educação Básica, que é o fato de que o uso de recursos tecnológicos torna a aula mais atrativa para os alunos. Sendo assim, existem uma série de atividades que podem ser exploradas em sala de aula, como a utilização de filmes, vídeos de entrevistas, documentários e músicas que abordem determinado assunto e que permitam uma reflexão. O uso de fotos e de documentos digitalizados também é um recurso muito importante e que dinamiza a aula, traz interesse e auxilia no processo de aprendizagem.

Portanto para garantir a aprendizagem dos alunos quando optamos pela utilização do *site* www.poetadomundoverde.com.br como instrumento de pesquisa e como recurso didático, principalmente nas aulas de artes, música e história, o professor pode apresentar um plano de pesquisa que deve ser preenchido e elaborado pelos alunos e que pode ser feito em forma de ficha, relatório, questionário, áudio e vídeo. Esse plano deve conter cada etapa da pesquisa e do tratamento da informação: coleta e seleção de informações, registro, organização do texto, elaboração da resenha ou resumo, entre outros.

Com a pesquisa do *site*, o professor pode solicitar uma atividade complementar que contemple a análise do aluno sobre o conteúdo pesquisado, pode promover debate, sorteio de questões por equipes também são alternativas. Além dessas sugestões, existem diversas outras estratégias para fazer com que a pesquisa na internet deixe de ser uma atividade mecânica de

“copiar e colar” e passe a ser uma ferramenta eficaz no processo de aprendizagem. Cabe ao professor adaptar metodologias e ações à sua realidade e aos recursos disponíveis.

A Aplicação do produto dar-se-á de maneira abrangente para o alcance de um grande número de discentes e docentes e do Colégio de Aplicação da UFRR, bem como, de toda comunidade roraimense.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propôs-se nessa pesquisa, sobretudo, analisar a trajetória de Eliakin Rufino no Movimento Roraimeira, que por meio de seus artigos, poemas e canções, retrata a identidade, costumes e hábitos locais. Apresentando expressões artísticas, demonstradas nos palcos por meio de suas canções, um modo de pensar, fazer e sentir próprio.

O Movimento Roraimeira representou e ainda representa um processo cultural, que através de suas experiências vividas, tanto em Roraima, quanto fora do Estado, fomenta os discursos plurais de suas obras e manifestações em busca do aprimoramento de seus trabalhos. Dando sentido ao nome Roraimeira, que seria um sentimento de pertencer a Roraima.

Pode-se perceber que foi por meio das canções que Roraima foi difundido as belezas e atrativos culturais, por meio da arte foram promovendo a cultura, expondo seus lugares, belezas e seu turismo típico e único. Descrevendo um local belo para se viver e apresentando seus encantos, mitos, lendas, paisagens, histórias, comidas, montes, plantas, peixes, costumes entre outros aspectos.

Nesse contexto, não se pode esquecer que Roraima é um Estado fronteiriço, por isso, também recebe uma gama de migrantes, que buscam oportunidades e veem no Estado um lugar de esperança de melhores oportunidades, uma vida mais tranquila, como já canta o poeta Eliakin Rufino.

A ênfase dada as questões de identidade, que são sistemas de representações, estão ligadas as construções do “eu”. Em outras palavras, permite que o indivíduo se torne semelhante a si mesmo, sendo único, diferente dos outros. Trata-se de um processo progressivo e contínuo, cujos destaques são as inúmeras influências e transformações, frutos da dinâmica cultural e do contato com os outros povos.

Por fim, o exame da trajetória de Eliakin Rufino foi construído a partir de um fio condutor, que mais pareceu um caleidoscópio, que permeou um passeio pela historiografia do vale do Rio Branco até a construção do Território Federal de Roraima, na tentativa de visualizar os vários projetos de construção da identidade do Povo do rio Branco, futuro estado de Roraima. Nessa jornada foi-se tecendo a chegada da família de Eliakin Rufino, vindos do Amazonas para o Território Federal do Rio Branco, sua infância, o período escolar, culminando na sua saída de Boa Vista para Goiânia. E seu retorno, formado em filosofia no Amazonas, para a partir daí pensar a primeira fase do Movimento Roraimeira, tendo como marco inicial, a música “Roraimeira” de Zeca Preto, em 1984, que possibilitou a formação do Trio, no mesmo ano.

Constatou-se, portanto, que o movimento Roraimeira está vinculado a própria identidade poética de Eliakin Rufino, sendo que, a poesia música de Zeca Preto “Roraimeira”, tem em seus versos o nome do próprio poeta, desta forma, não se desvincula o músico e poeta do movimento, antes demonstrou-se que Eliakin embora tenha várias fases de sua vida, sua identidade polifacética é relevada na trajetória do Movimento Roraimeira. E, por fim, deixa-se a poesia de Eliakin Rufino “Plural”.

Tentei por muito tempo ser uma pessoa singular / Ter um só caminho ter um limite / Um só amor, um só lugar / O que eu não queria era ser comum / O que eu não queria era ser normal / Agora não / Agora eu sou feliz sendo plural / Fiquei até mais leve, mais pra cima, mais alto astral.

7 LISTAGEM DOS ACERVOS E FONTES

- Imagens de arquivo e entrevistas concedidas à emissora Rede Amazônica e à TV Universitária (Youtube);

- Letras das músicas e poesias;

Entrevista com Eliakin Rufino

- Periódicos (Folha de Boa Vista, Diário de Roraima, Jornal Brasil Norte, O Estado de Roraima, Jornal do Dia, A Crítica, O Caburai) das décadas de 1980 e 1990 (Hemeroteca de Eliakin Rufino);

- Fotos e documentos relativos ao Movimento Roraimeira (acervo de Eliakin Rufino);

REFERÊNCIAS

- ALMADA, Silvia Marques de. **A questão do regionalismo em A mulher do garimpo, de Nenê Macaggi**. 2015. 112f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2015. Disponível em: http://www.bdtd.ufr.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=287. Acesso em: 03 maio 2019.
- ASSIS, Antônio Alves de *et al.* Município de Boa Vista. Território Federal de Roraima/Secretaria de Educação e Cultura. Boa Vista. 1987. (Série Monográfica; v.1).
- O ÁTOMO: jornal independente e noticioso. Boa Vista, 1952-1954.
- BARROS, José D'Assunção. A Nova História Cultural: considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v.12, n.16, p.38-63, maio 2011. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/P.2237-8871.2011v12n16p38>. Acesso em: 05 maio 2019.
- BARROS, Nilson Cortez Crocia de. **Roraima: paisagens e tempo na Amazônia Setentrional**. Recife: EDUFPE, 1995.
- BARTOLY, Flávio. Debates e perspectivas do lugar na geografia. **GEOgraphia**, Niterói, v.13, n.26, p.66-91, 2011. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13625/8825>. Acesso em: 14 jan. 2019.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (org.). **Usos e abusos da história oral**. 8.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. 277p. p.183-191.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A pessoa de Paulo: memórias – depoimentos**. [S. l.: s.n., 2018?]. 41p. Disponível em: https://educacaodocampo.ufes.br/sites/educacaodocampo.ufes.br/files/field/anexo/a_pessoa_d_e_paulo.pdf. Acesso em: 08 de maio 2020.
- BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP 1992. 354p. Disponível em: https://www.academia.edu/14467883/A_Escrita_da_Hist%C3%B3ria_Peter_Burke. Acesso em: 22 fev. 2019.
- BURKE, Peter. **O que é História Cultural**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 191p. Disponível em: <https://lelivros.love/book/baixar-livro-o-que-e-historia-cultural-peter-burke-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/>. Acesso em: 18 jan. 2018.
- CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1991. Disponível em: <https://lelivros.love/book/download-o-poder-do-mito-joseph-campbell-em-epub-mobi-e-pdf/>. Acesso em: 12 dez. 2019.
- CANDIDO, Antônio. Literatura e cultura de 1900 a 1945. *In*: CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985. p.109.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 5.ed. revista. São Paulo: Nacional, 1975.

CARVALHO, Fábio Almeida de. Makunaima/Makunaíma, antes de Macunaíma. **Revista Crioula**, São Paulo, n.5, maio 2009. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/54943/58591>. Acesso em: 11 jun. 2017.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Portugal: Difel, 2002.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida**. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

ELIADE, Mircea. **Iniciaciones Místicas**. Espanha: Taurus, 2002.

FEITOSA, Suênia Kdidija Araújo. Recepção do movimento Roraimera: identificação, apropriação e construção identitária. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC, 15., 2017, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo: ABRALIC, 2017. v.2, p.3458-3469. Disponível em: <https://abralic.org.br/anais/?ano=2017>. Acesso em: 13 maio 2018.

FIORETTI, Elena Campo. **Políticas públicas para a cultura como fator de desenvolvimento econômico e social no estado de Roraima**. 2009. 143f. Dissertação (Mestrado Profissional Interinstitucional em Economia) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/18818>. Acesso em: 08 jun. 2020.

FREITAS, Aimberê. **Geografia e História de Roraima**. Manaus: Grafima, 1986.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

GROSSI, Yonne de Souza; FERREIRA, Amauri Carlos. Somos seres de um dia só. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v.6, n. 7, p. 20-29, jul. 2001. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/1707/1833>. Acesso em:

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 10.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. Disponível em: https://leiaarqueologia.files.wordpress.com/2018/02/kupdf-com_identidade-cultural-na-pos-modernidade-stuart-hallpdf.pdf. Acesso em: 15 abr. 2017.

HECK, Dionísio Egon; SILVA, Renato Santana da; FEITOSA, Saulo Ferreira (org.). **Povos indígenas: aqueles que devem viver – Manifesto contra os decretos de extermínio**. Brasília: Conselho Indigenista Missionário, 2012. 192p. Disponível em: [https://cimi.org.br/pub/cimi40anos/0-%20Livro%20-%20Cimi%2040%20anos%20-%20Final%20\(1\).pdf](https://cimi.org.br/pub/cimi40anos/0-%20Livro%20-%20Cimi%2040%20anos%20-%20Final%20(1).pdf). Acesso em: 7 mar. 2020.

HOISEL, Beto. **Naquele tempo, em Arembepe**. Salvador: Século 22, 2003.

HOLANDA, Chico Buarque de. Vai passar. *In*: MELLO, Leonel I. A.; COSTA, Luis C. A. **História moderna e contemporânea**. São Paulo: Scipione, 1999. p.402.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Esses poetas 90**: uma antologia dos anos 90. 2.ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001. 320p.

IBGE. **Projeto levantamento e classificação da cobertura e do uso da terra**: uso da terra no Estado de Roraima. Rio de Janeiro: [s. n.], 2005.

JOBIM, José Luís. **Literatura e cultura**: do nacional ao transnacional. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá-PR, v.1, n.1, p.9-43, jan. /jun. 2001. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38749/20279>. Acesso em: 05 jan. 2020.

KAMINSKI, Leo Frederico. **A revolução das mochilas**: contracultura e viagens no Brasil ditatorial. 2018. 272f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/2052.pdf>. Acesso em: 07 mar. 2018.

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. **Do Roraima ao Orenoco**: observação de uma viagem pelo norte do Brasil e pela Venezuela durante os anos de 1911 a 1913. São Paulo: Editora UNESP, 2006. 378p.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 14.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LEVINO, Selmar de Souza Almeida. Políticas públicas: análise da formação da agenda pública de cultura de Roraima (2013 a 2018). 2019. 145f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Fronteiras) - Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2019. Disponível em: <https://ufr.br/ppgsof/index.php/dissertacoes/category/39-d2019.html>. Acesso em:

LIMA, Danielle dos Santos Pereira; FRAGA, Rosidelma Pereira. Regionalismo e Comunidade imaginada na obra da Roraimense Nenê Macaggi. **Ambiente: Gestão e Desenvolvimento**, [S. l.], v.12, n.1, p.21–27, jan./jun. 2019. DOI: 10.24979/189. Disponível em: <https://periodicos.uerr.edu.br/index.php/ambiente/article/view/189>. Acesso em: 02 dez. 2019.

LINHA do tempo da resistência à ditadura militar no Brasil (1960-1985). **Estudos Avançados** [online], v.28, n.80, p.153-184, abr. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142014000100014>. Acesso em: 08 maio 2020.

LUCA, Tânia Regina de. A história dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

MAGALHÃES, Dorval de. **Roraima**: informações históricas. Rio de Janeiro: Graphos, 1986.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. p.312.

MIBIELLI, Roberto. Camadas de identidade: do Roraima e as estratégias de construção e legitimação de uma identidade poética para Roraima aos poetas da geração 90/00. *In*: NASCIMENTO, Luciana Marino; MIBIELLI, Roberto; FIOROTTI, Devair Antônio. (org.). **Nós da Amazônia: literatura, cultura e identidade na/da Amazônia**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2014. (Série Acadêmica). p.153-176.

MIBIELLE, Roberto. Entre versos e prosas como se fabrica uma região chamada exótico. ENCONTRO [DA] ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA, 15., 2016, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: UERJ, 2016. p.4909-4921. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491505402.pdf. Acesso em: 23 abr. 2019.

MENCK, José Theodoro Mascarenhas. **A questão do Rio Pirira (1829-1904)**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2009. Disponível em: http://funag.gov.br/biblioteca/download/574-Questao_do_Rio_Pirara_1829-1904_A.pdf. Acesso em: 22 jun. 2019.

MONTEIRO, P. Globalização, identidade e diferença. **Novos Estudos - CEBRAP**, n.49, p.47-64, nov. 1997.

MOREIRA, Erika Vanessa; HESPANHOL, Rosângela Aparecida de Medeiros. O lugar como uma construção social. **Revista Formação**, [Presidente Prudente, SP], v.2, n.14, p.48-60, 2007. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/645/659>. Acesso em: 25 ago. 2019.

NASCIMENTO, Cleo Amorim. **Subjetividade e identidade na poesia topofílica de Zeca Preto**. 2014. 114f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2014. Disponível em: http://www.bdtd.ufrb.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=183. Acesso em: 13 fev. 2018.

NASCIMENTO, Cláudia Helena Campos. Parque Anauá: espaço vivo no coração de Boa Vista/Roraima. **Revista Paisagens Híbridas**, [Rio de Janeiro], v.1, n.2, p.98-117, 2018.

NASCIMENTO, Cláudia Helena Campos *et al.* Projetos para o Parque Anauá, Boa Vista. **Revista Amazônia Moderna**, Palmas, v.4, n.1, p.102-119, abr./set. 2019. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/amazoniamoderna/article/view/8515/16475>. Acesso em: 25 ago. 2019.

OLIVEIRA, Rafael da Silva. Do rio ao traçado urbano, e novamente ao rio (alguns apontamentos para pensar a cidade de Boa Vista/RR). **Revista Acta Geográfica**, Boa Vista, v.2, n.3, p.93-106, jan./jun. 2008. Disponível em: <https://revista.ufrb.br/actageo/article/view/202>. Acesso em: 30 ago. 2019.

OLIVEIRA, Rafael da Silva; WANKLER, Cátia Monteiro; SOUZA, Carla Monteiro de. Identidade e Poesia Musicada: panorama do Movimento Roraima a partir da cidade de Boa Vista como uma das fontes de inspiração. **Revista Acta Geográfica**, Boa Vista, v.3, n.6, p.27-37, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://revista.ufrb.br/actageo/article/view/222>. Acesso em: 30 ago. 2019.

PESAVENTO, Sandra Jatagy. Cultura e Representações, uma trajetória. **Anos 90**, Porto Alegre, v.13, n.23-24, p.45-58, jan./dez. 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6395/3837>. Acesso em: 30 ago. 2019.

PESAVENTO, Sandra Jatagy. **História & história cultural**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. 136p.

PESSÔA, Yumara Souza. **Decoração soteropolitana na década de 70: cores, formas e representações**. 2007. 252f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/9854?mode=full&submit_simple=Mostrar+registro+completo+do+item. Acesso em: 13 jun. 2018.

ROCHA, Ruth. **Ruth Rocha conta a Odisseia**. São Paulo: Salamandra, 2000.

ROCHA, Rayele Silda da; NASCIMENTO, Cláudia H. Campos; MELO, Neiliany B. Neubert de. Arquitetura moderna em Roraima: obras de Severiano Mário Porto. **Revista Amazônia Moderna**, Palmas, v.4, n.1, p.78-101, abr./set. 2019. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/amazoniamoderna/article/view/8513/16474>. Acesso em: 13 jun. 2018.

RODRIGUES, Francilene dos Santos. **Garimpando a sociedade roraimense: uma análise da conjuntura sócio-política**. 1996. 133f. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) - Núcleo de Altos Estudos da Amazônia, Universidade Federal do Pará, Belém, 1996.

RUFINO, Eliakin. Escola Primária. **Jornal Folha de Boa Vista**, Boa Vista, 02 fev. 1993.

RUFINO, Eliakin. **A Trajetória de Eliakin Rufino**. [Entrevista cedida a] Tiago Cardoso da Silva. Natal, 2019.

SANTIAGO, Evandro Nunes. **Movimento Alma Negra**. Manaus: [s.n.], 1994. Trabalho apresentado na Disciplina Sociologia do Planejamento, no Curso de Ciências da Universidade do Amazonas.

SANTOS, Raimundo Nonato Gomes dos. Entre o real e a imagem: pioneiros e indígenas em Roraima na década de 1990. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: ANPUH, 2005. 1 Cd-rom.

SANTOS, Raimundo Nonato Gomes dos. Cidade, Memórias e Identidades: Boa Vista e Memorialistas (1970/1980). **Revista Expedições: Teoria da História e Historiografia**, Morrinhos/GO, v.8, n.2, p.145-161, maio/ago. 2017. Disponível em: https://www.revista.ueg.br/index.php/revista_geth/article/view/5500. Acesso em: 23 ago. 2018.

SANTOS, Raimundo Nonato Gomes dos. Pecuária, Memória e Política em Roraima nas décadas de 1970 e 1980. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL, 10., 2010, Recife. **Anais eletrônicos [...]**. Recife: UFPE, 2010. Disponível em:

https://www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources/anais/2/1270431729_ARQUIVO_MemoriadaPecuariaXEncNHOral.pdf. Acesso em: 23 ago. 2018.

SCHRAMM, Milen Margareth Fernandes. **História da educação de Roraima: o Colégio Normal Monteiro Lobato (1965-1970)**. 2013. 177 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2013.

SILVA, Raimunda Gomes da. **Reinventando um novo viver: mulheres cearenses em Boa Vista (1950-1989)**. 2003. Dissertação (Mestrado em História Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

SILVEIRA, Isolda Maciel da; GATTI, Marcelo. Notas sobre a ocupação de Roraima, migração e colonização. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Antropologia**, [s.l.], v.4, n.1, p.43-64, 1988. Disponível em: <https://repositorio.museu-goeldi.br/handle/mgoeldi/467>. Acesso em: 11 nov. 2018.

SOUZA, Carla Monteiro de. Boa Vista/RR e as migrações: mudanças, permanências, múltiplos significados. **Revista Acta Geográfica**, v.3, n.5, p.39-62, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://revista.ufr.br/actageo/article/view/218>. Acesso em: 11 nov. 2018.

SOUZA, Ivan de. Como criar um site: confira o passo a passo para fazer o seu do zero. **Blog Rock Content**, [Toronto], 07 maio 2018. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/como-criar-um-site/>. Acesso em: 18 out. 2020.

VALE, Ana Lia Farias. **O "Ceará" em Roraima: migração de cearenses 1980-1999**. Jaboticabal: FUNEP, 2005.

VIERA, Regina Luz. **O jornal Porantim e o indígena**. São Paulo: Annablume, 2000.

WANKLER, Cátia Monteiro; SOUZA, Glaciele Harr de. Estudos de Literatura de Roraima: uma abordagem multidisciplinar e pluricultural. **Iniciação Científica da UFRR**, 2007. Disponível em: <https://revista.ufr.br/pibic/article/view/15>. Acesso em: 19 fev. 2019.

FONTES ORAIS

RUFINO, Eliakin [66 anos]. [out. 2019]. Entrevistador: Tiago Cardoso da Silva. Natal, RN, 30 e 31 de out. 2019.